WARLEY MATIAS DE SOUZA

AU REVOIR, CAROLINA

Warley Matias de Souza

***AU REVOIR*, CAROLINA**

A Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Machado de Assis.

CAPÍTULO I
Tio Joaquim

Tio Joaquim era o esquisitão mais esquisito que já conheci. Magro, alto, óculos grossos, até o dia em que pôde substituí-los por potentes lentes de contato. Calado, introspectivo, o seu pensamento não parava. Conversar amenidades com tio Joaquim era querer ser ignorado. Sua mente era muito superior à dos outros mortais.

E um detalhe importante, ele odiava crianças; assim, fui o único “monstro” que conseguiu aproximar-se dele. Fato é que, quando eu ainda engatinhava, entrei no laboratório que ele mantinha nos fundos da casa da minha avó, e aquele lugar virou o meu segundo lar.

No início, o tio ficou um pouco chateado por aquele “monstro” ter invadido seu santuário científico; mas como, apesar das tentativas da família de me conter, eu insistia em ir até lá, o tio começou a me ver de um jeito diferente e abriu as portas de seu reduto para mim, um privilégio que só pude entender bem mais tarde.

Ninguém, além de mim e ele, entrava naquele mundo de tubos, espirais e bolhas. Isso significava que tio Joaquim confiava em mim,

coisa rara para um *nerd* sorumbático e desconfiado.

Assim que comecei a estudar, era para lá que eu ia ao sair da escola, onde fazia meus deveres, enquanto o tio parecia ignorar-me, a mente imersa em suas experiências. Porém, sempre havia espaço para minhas dúvidas, e o tio, diante de minha curiosidade, deixava transparecer um brilho no olhar que me fazia querer ser o seu orgulho. Por isso, eu perguntava mais e mais.

Tio Joaquim tinha especializações em Química, Filosofia, Literatura, Física Quântica e uma pá de outras áreas do conhecimento. Sabia de tudo, mas sempre citava Sócrates: “Só sei que nada sei”.

— Tio Joaquim — disse-lhe eu, por volta do meu décimo aniversário — hoje eu falava de Platão com um colega meu na escola. Ele riu de mim e disse que “essa tal de filosofia” não serve para nada. Então, tio, para que serve então a filosofia?

Ele desviou seus olhos das anotações que fazia em sua agenda, onde registrava os resultados de suas experiências, e olhou-me por cima de óculos invisíveis, um costume do tempo em que usava óculos e do qual jamais se livrou.

— Escobar, o que não serve para nada é a arte, já a filosofia acaba sendo funcional. Ainda se

discute se a filosofia é ou não é uma ciência. Contudo, não quero entrar no mérito da questão. Mas, com certeza, ela não é uma arte. Portanto, seu caráter de funcionalidade é pertinente.

Ele falava meio difícil mesmo; mas se esforçava ao máximo para que eu entendesse suas ideias.

— Explique, tio, por favor, pois não entendi.

Ele respirou fundo, num gesto de cansaço mais do que de impaciência, com o qual eu já tinha me acostumado.

— Qual foi o último livro que você leu?

— *O pequeno príncipe*.

— E para que serve *O pequeno príncipe*?

Olhei para os meus pés, enquanto pensava, depois caminhei pelo laboratório e, por fim, sentei-me em um tamborete perto da janela. Olhando para um imenso céu azul, respondi:

— Para refletir.

— Não, Escobar, não serve para nada. Se tivesse a utilidade que você defende, o texto diria para você refletir sobre esse ou qualquer outro assunto. Mas não, o narrador apenas narra a história. É você, como leitor, que reflete ou não sobre os fatos, que se posiciona ou não diante dos mesmos. Prova disso é que outras pessoas não farão reflexões; muito pelo contrário, rejeitarão a obra.

— E para que fazer algo que não serve para nada?

— Para mostrar que a vida é mais do que funções a serem executadas.

— Tem a ver com aquilo que você me disse? Que a arte afasta as pessoas da animalidade?

— A relação é pertinente.

Aquelas ideias embaralhavam-se na minha cabeça, deixavam-na pesada. Mas quando eu conseguia compreendê-las, o peso diminuía, e a leveza do conhecimento tomava conta de mim.

Porque fiquei em silêncio, ele provocou-me:

— Perdeu o fio da meada?

— Quê? — falei, em meio à minha lerdeza costumeira.

— Você queria saber sobre filosofia.

— É mesmo, sobre filosofia.

— Filosofia não é uma arte, por isso ela pode ter uma função. Não quero ser reducionista, mas basicamente ela poderia ter a função de levar o ser humano a refletir sobre a realidade, entendê-la o máximo possível e, principalmente, criticá-la; quiçá, transformá-la.

“Reducionista.” Aprendi essa palavra quando eu tinha cinco anos. E usava-a para tudo. Gostava dela, de seu som. Na verdade, ainda gosto.

Lembro-me de uma vez em que minha mãe ficou muito brava porque eu tinha brigado com

um colega na escola. E, enquanto chamava a minha atenção, não me deixava explicar a complexidade de tudo aquilo, pois ninguém duvida que a vida de um menino de cinco anos é extremamente complexa. Então, entre lágrimas magoadas, eu disse-lhe, dono da razão:

— Você está sendo muito reducionista, mãe!

Ela franziu a testa e, logo em seguida, começou a rir, o que me deixou ainda mais magoado. Saí da sala, enquanto batia o pé, malcriado, e gritava:

— Malditos reducionistas!

Segundo tio Joaquim, tudo é relativo, inclusive o tempo. Mas sobre a relatividade do tempo, meu tio baseava-se em Einstein. Porém, suas reflexões iam além de uma teoria da física, sua relatividade era filosófica.

— Uma hora é sempre uma hora em qualquer lugar, Escobar?

— Não entendi, tio.

— Vamos lá. Quantos minutos temos em uma hora?

— Sessenta minutos.

— Muito bem. Os sessenta minutos têm a mesma duração em qualquer lugar aqui do planeta?

— Imagino que sim.

— Eu lhe digo que o tempo é relativo, não só em relação ao espaço. Isso porque o tempo é, acima de tudo, subjetivo.

— Explique, tio.

— Quando você estava na feira de ciências no Canadá, o tempo passou rápido ou lento?

— Muito rápido.

— E quando você foi vítima daquela enxaqueca e ficou de cama?

— Ai, muito lentamente.

— Concluímos então que, quando sentimos prazer, o tempo passa rápido e, quando sentimos desprazer, o tempo é lento, correto?

— É isso mesmo!

— No entanto, não houve alteração no tempo físico.

— Entendi, tio.

CAPÍTULO II
O viajante

Pensar que o tempo é relativo, que tudo na vida, não só o tempo, é relativo, pode dar um nó na nossa cabeça. Mas eu gostava de nós, e gostava também de desatá-los. No entanto, tinha consciência de que há nós que não se desatam de maneira alguma, que permanecem nós até o fim. Mas o tio diria que qualquer nó pode ser desatado, só depende de tempo e conhecimento.

Às vezes, eu me sentava naquele tamborete do laboratório, em silêncio, e ficava apenas observando o tio Joaquim. Ele, vestido em seu jaleco branco, conduzia os experimentos com total atenção. Misturava substâncias, fazia anotações e, principalmente, ele refletia, ficava muito tempo parado, de braços cruzados, o olhar fixo em um ponto qualquer. E isso me fascinava. Eu sabia que ele estava refletindo sobre coisas importantes, não se entregava aos pensamentos inúteis que enchem nossas cabeças, mas a pensamentos produtivos, capazes de mudar a própria forma do pensar.

Desde que nasci, tio Joaquim vivia às voltas com um experimento que, aos cinco anos, começou a me intrigar. No entanto, ele recusava-

se a explicar o objetivo de tudo aquilo, por que produzia aquelas substâncias de cores variadas, em forma gelatinosa, líquida, gasosa ou sólida. Algumas vezes, as mudanças de estado dessas substâncias provocavam a ira de meu tio.

Foi justamente quando eu estava com cinco anos que presenciei aquele homem sempre frio e calmo perder o controle e jogar contra a parede um *erlenmeyer* com um líquido roxo e viscoso. Ao espatifar-se sobre o azulejo, um gás da mesma cor espalhou-se pelo ambiente e exalou um cheiro de bicho morto.

Fiquei muito assustado com a agressividade do tio e, principalmente, por vê-lo de cabeça baixa, os cabelos assanhados e a respiração de quem chora. Saí correndo dali, fui refugiar-me no quarto de minha avó e prometi a mim mesmo que nunca mais voltaria àquele laboratório. Mas, no dia seguinte, eu estava lá.

O tio olhou-me por sobre os óculos invisíveis e tentou sorrir.

— Ficou muito assustado ontem, viajante?

Confirmei, tímido, com a cabeça.

— Confie em mim, jamais lhe faria mal.

Sorri, afetuoso.

— Eu sei, tio.

Ele me deu as costas novamente.

— Tio, por que me chama sempre de “viajante”?

Ele não se virou, apenas resmungou:

— Um dia você saberá.

Naquele dia, não emitiu nenhuma outra palavra, e acho mesmo que se esqueceu da minha existência.

Tio Joaquim sempre foi um mistério para todos nós, inclusive para mim, apesar de eu ter sido a pessoa mais próxima dele, a quem ele se permitiu revelar-se pelo menos um pouquinho. De sua infância, sei muito pouco. Minha mãe dizia que ele vivia isolado e era um leitor contumaz, lia muitos livros em uma semana, de todos os estilos e assuntos. Existe uma foto, meio desbotada: um menino magro, de óculos, cabelos castanhos e lisos sobre a testa, como uma touca capilar, os lábios superiores um pouco proeminentes, antes de ele usar aparelho nos dentes e corrigir aquele pequeno detalhe. Quando entrou na escola, estava à frente de todos os outros alunos e abominava os divertimentos típicos de sua idade cronológica, pois a idade mental do tio estava na faixa dos anos-luz.

Meu avô era muito dedicado ao futuro de tio Joaquim e conseguiu que o filho pulasse séries, já que tinha um conhecimento bem acima dos outros de sua idade. Assim, tio Joaquim iniciou sua

primeira faculdade com dez anos, virou até matéria de jornal por causa disso. A partir daí, fez uma segunda faculdade, dois doutorados e alguns pós-doutorados. No entanto, apesar de sua genialidade, o tio ainda não tinha feito uma descoberta significativa e, por ter dificuldade de se adaptar a regras e horários, não conseguia ficar muito tempo em um trabalho formal. Ganhava algum dinheiro por meio de consultorias e palestras. Mas, com trinta e seis anos de idade, não era um homem rico, e acredito que nem mesmo quisesse isso. Ele passava o maior tempo possível em seu laboratório, pois o tio tinha uma obsessão, realizar uma grande descoberta.

Sobre a vida amorosa do tio, sabíamos muito pouco. Mas tenho quase certeza de que nunca teve uma namorada ou namorado, nunca se apaixonou. Ele estava acima de desejos animalescos ou de convenções sociais. Não tinha tempo para namoricos, sua dedicação era exclusiva ao conhecimento. Se alguém, algum dia, apaixonou-se por ele, o tio sequer deve ter percebido tal interesse. A solidão de tio Joaquim foi uma escolha, jamais uma condenação, ele vivia a vida que escolhera viver, e por isso sempre terá minha admiração.

Aos onze anos, eu era um menino gordinho, de óculos grandes, e sentia-me muito parecido

com tio Joaquim. Essa semelhança, não física, mas de comportamento, provocava muito ciúme em meu pai, que até tentou me proibir de frequentar o laboratório do meu “tio esquisito”. Mas minha mãe lhe mostrou que não havia nada de mau em seu filho ser introspectivo e um leitor voraz. Por um tempo, ele ainda tentou me levar a jogos de futebol, até quis me matricular em uma escolinha para aprender a praticar o esporte. Mas um dia, com certa decepção, desistiu de me transformar naquilo que não sou. E algo que o incentivou a fazer isso foi o nascimento de meu irmão, o preferido de meu pai e a solução para os meus problemas, já que eu não precisava mais me preocupar em ser o “orgulho do papai”.

Quando fiz treze anos, o menino gordinho começou a emagrecer, fiquei esbelto (como dizia minha mãe, em tom jocoso), meu corpo começou a se transformar, músculos começaram a despontar. Como dizia minha avó, eu era enfim um “rapagão”.

Foi no meu aniversário de quinze anos que tio Joaquim decidiu contar-me seu segredo, e descobri que havia muitos anos eu fazia parte de seus planos naquela experiência tão insólita. Anos de pesquisa do tio seriam agora colocados à prova a partir de mim. Trocando em miúdos, eu era a cobaia do tio Joaquim. E, ao contrário do que

podem pensar, não me senti usado; muito pelo contrário, senti-me honrado por ser seu escolhido. Agora eu podia entender por que ele insistia em me chamar de “viajante”, era o que eu era. Arrisco mesmo a dizer que nasci para isso, estava escrito nas estrelas ou nas dobras do tempo.

CAPÍTULO III
O paradoxo do avô

Durante horas, tio Joaquim tentou explicar-me os fundamentos de sua pesquisa. Empolgado por dividir suas descobertas pela primeira vez, gesticulava, espumava pela boca, enquanto os olhos lacrimejavam, emocionados, em meio às palavras proferidas com paixão.

— Meu querido Escobar, o tempo é psíquico, não espacial. Portanto, a única forma que temos de viajar no tempo é por meio de processos químicos e não instrumentais, entende?

— Acho que sim.

— A viagem no tempo não é física. Não podemos transportar nossos corpos através das dobras do tempo. Cheguei a essa conclusão logo no início de minha pesquisa. Já o transporte químico mantém o corpo original e recria outro.

— Como assim? Uma duplicata?

— É como se o viajante acessasse um mundo virtual.

— Então não é real?

— Não há diferença significativa entre real e virtual.

— Não entendo.

— A memória existe, mesmo que seja algo virtual. E essa virtualidade permite que ela seja armazenada em um espaço físico, sem que sua existência dependa desse espaço. Pense em um *hardware* que pode armazenar até oito gigas de memória. Percebe? O *hardware* não é a memória, ele pode armazená-la, assim como nosso cérebro.

— É como se eu me transportasse para outra realidade, mas sem usar o meu corpo para isso.

— Exatamente.

— Então aqueles filmes sobre viagens no tempo...

— Não se disperse, Escobar. Preste atenção. Não estamos falando de ficção, rapaz.

— Tio, você tinha me dito uma vez que o tempo e o espaço estão interligados.

— Parece que Einstein estava errado!

Nesse momento, creio ter visto um brilho de loucura em seus olhos.

— Não, meu querido rapaz, não estou louco — disse-me ele, como se pudesse ler pensamentos. — Você está contaminado por essas porcarias que anda vendo na televisão.

— Desculpe, tio.

— Não vamos entrar em uma máquina do tempo e viver aventuras inimagináveis porque um cientista maluco quis dominar o mundo.

Viajaremos no tempo, e isso nos possibilitará ter acesso a uma nova forma de conhecimento.

— Explique, tio.

— Poderemos ver a história acontecer de fato, rapaz. A partir da experiência, poderemos aprender muito mais com a história, de uma forma mais profunda, isto é, mais real.

Enruguei a testa.

— No que está pensando? — perguntou-me.

— Acho que é mais um clichê.

— Fale.

— Eu estava pensando naquele problema de interferir na história.

Tio Joaquim soltou uma gargalhada, a primeira que presenciei desde que o conheci. O que, confesso, deu-me um pouco de medo.

— Não há como alterar drasticamente a história. Sabe por quê?

— Não.

— Porque o tempo é propenso ao equilíbrio, e não permite grandes alterações.

— Se voltarmos ao passado, não podemos acabar alterando o futuro, ou melhor, o presente? E se eu conhecer meu pai, e isso, de alguma forma, impedir que ele conheça minha mãe? Então deixo de existir.

— A ciência já teorizou sobre isso. Chama-se “paradoxo do avô”.

— E o que seria esse paradoxo?

Tio Joaquim coçou a ponta do nariz e, com paciência, explicou-me:

— Imagine que você viaje ao passado. Lá você conhece o seu avô, ainda um jovem sem filhos. Vocês brigam e, num acidente, você o mata. Consequentemente, o seu nascimento, Escobar, torna-se impossível. Temos então o que se chama de “paradoxo temporal”, pois haverá um conflito lógico de existência quando o viajante altera os acontecimentos do passado. Mas há estudiosos que discordam do paradoxo do avô e afirmam que o passado não pode ser mudado. Daí surge a ideia de que haveria universos paralelos em que uma mesma história poderia ocorrer de várias maneiras.

— Você quer dizer que existem outros eus em outros universos?

— Exato. Portanto, se você matasse seu avô em outro universo, não causaria nenhuma alteração nesta realidade em que estamos agora.

— Mas eu deixaria de existir nesse universo.

— Exato.

— E se o eu do outro universo vier para este universo aqui e matar o meu avô?

— Escobar, são apenas especulações.

— E o que você acha, tio?

— Depois de pesquisar e pensar muito a respeito, concluí que qualquer eventual alteração feita no passado provocará um ligeiro desequilíbrio, que, logo em seguida, será sanado, em prol do equilíbrio, pois é assim que a natureza age, meu caro Escobar.

— Homens do futuro podem então nos controlar, já que sabem de coisas que desconhecemos.

— Se isso acontecesse, a natureza buscaria o equilíbrio, *ad infinitum*.

Ficamos em silêncio por um momento, até que nossos olhos se encontraram, e certo brilho no olhar do tio permitiu-me entender o meu papel naquela história.

— Tio, acho que acabo de entender por que você me chama de "viajante".

Ele mostrou um de seus raros sorrisos.

— Não confio em ninguém além de você.

— Quais são os riscos, tio?

— Sua objetividade me provoca imenso orgulho.

— Então, quais são os riscos?

— Não posso precisar, Escobar, não posso precisar. Mas são reais. Como já sabe, a viagem não é espacial, mas psíquica. Seu corpo será invadido por uma substância e talvez a rejeite.

— E por que você não pode viajar, tio?

— Preciso controlar o experimento e fazer as anotações, ou seja, registrar todos os passos do procedimento. Se eu não fizer isso, o conhecimento se perderá.

— Quando será?

— Amanhã à noite.

— Onde?

— Aqui mesmo, no laboratório.

Olhei para o chão, envergonhado, e perguntei, sem encará-lo:

— Dói?

— Não sei.

— Estou com medo.

— Também estou.

— Mas estou curioso.

Então aceitei e, até a noite do dia seguinte, não consegui conter minha ansiedade, de maneira que só pensava nisso e nas infinitas possibilidades de uma viagem no tempo.

CAPÍTULO IV
1890

Na hora marcada, o tio e eu nos reunimos em seu laboratório. Era quase meia-noite. Cachorros latiam aqui ou ali. Ouvíamos ruídos distantes de carros, pois vivíamos em um bairro calmo, pouco movimentado.

— Escobar — disse-me tio Joaquim, com uma seringa cheia de um líquido roxo — não quero obrigá-lo a nada, você ainda pode desistir.

Meu coração estava acelerado, e aquela seringa roxa não contribuía em nada para fazer-me ficar mais calmo.

— Como é mesmo o procedimento, tio?

— Injetarei este líquido em sua veia, ele entrará em sua corrente sanguínea e irá direto para o seu cérebro. Lá, atingirá um “apsomnê”, que o levará para o passado ou para o futuro.

— O que é “apsomnê”?

— Uma palavrinha que inventei para designar a parte do cérebro responsável pelo deslocamento temporal.

— Não posso escolher para onde vou?

— Escobar, ainda não sei se podemos ter esse controle. Você é o pioneiro em viagens no

tempo, sua experiência será essencial para que eu possa compreender todo o processo.

— Quais os riscos?

Ele baixou os olhos, preocupado.

— Todos — disse, por fim. — Todos, Escobar.

— Eu...

— Não posso fazer isso com você — interrompeu-me.

— Qual seu receio?

— É melhor encontrar outra maneira.

— Eu quero, tio.

— Seu organismo pode não reagir bem à substância.

— Então é só aplicar um pouquinho.

— É o que pretendo fazer. Mas...

— Vai dar certo, tio.

— Sua mãe vai me odiar para sempre se algo der errado.

Peguei a mão do tio Joaquim, a que segurava a seringa, e aproximei-a do meu braço. Ele, então, deixou a dúvida de lado.

— Feche os olhos, Escobar. E, não se esqueça, aconteça o que acontecer, estarei aqui cuidando de você.

Fechei os olhos e fiz uma careta ao sentir a picada da agulha. Mas, logo depois, senti como se meu coração estivesse inchando, minha cabeça pareceu encolher, zumbido no ouvido e, quando

abri os olhos, uma luz forte me cegou por alguns segundos, enquanto eu ouvia risadas de crianças.

Então, aos poucos, a imagem foi ficando nítida. Eram três meninos negros. Deviam ter em torno de oito anos. Usavam bermuda, camisa de mangas longas, roupas gastas e sujas. Estavam descalços; mas usavam boinas esfarrapadas na cabeça. Meninos de rua, sem teto e sem família. Um deles chegou a cair no chão e rolar de tanto rir. Demorei um pouco a perceber que riam do fato de eu estar pelado, nuzinho da silva, um dos efeitos colaterais de uma viagem no tempo. Encolhi-me todo, o que fez os pirralhos rirem ainda mais. Mas tudo se complicou quando uma mulher passou naquele beco, em companhia de uma menina de uns cinco anos, que apontou para mim e falou:

— Olhe, mamãe. O mancebo está sem roupa.

A menina era branca e, nos cabelos cuidadosamente penteados, usava um grande laço de fita azul-claro. Estava usando um vestido azul xadrez, de gola redonda e mangas curtas e bufantes. As sandaliazinhas eram pretas e de couro, e as meias, azuis. A mulher, com um vestido longo e bege que ia até os pés, usava um sapato de cetim amarelo com pequeníssimos saltos.

Ela soltou um grito e correu, enquanto puxava a criança pelo braço. E, não demorou muito, um policial apareceu, com cara de poucos amigos.

— O que faz desnudo em plena via pública?

— Eu não sei… eu…

— De que família é? Creio que sua mãe não ficaria feliz se soubesse que o filho é dado a bebedeiras e à vadiagem. Então, de que família é?

— Eu? Família? — Estava meio confuso e acabei perguntando: — Em que ano estamos?

— Vê-se o tamanho da carraspana! — exclamou o policial. — Nem sabe o ano em que está. Não vê que é mil oitocentos e noventa e que estamos sob o regime republicano?

Se eu estivesse em melhor situação, certamente abraçaria o policial e comemoraria o sucesso da experiência de tio Joaquim; mas eu estava em maus lençóis.

— Vamos, vamos, devo levá-lo preso.

— Mas não posso ir assim, totalmente pelado.

— De onde é, mancebo? Fala com grande bizarria. Ah, sou bom em sotaques, deve vir do interior das Minas Gerais. O que torna seu ato ainda mais vergonhoso, já que o mineiro é conhecido pelo seu recato — riu — e por sua inocência.

— Não, sou carioca de nascença.

— Não me engana não, bilontra. Mas tem razão, precisa vestir algum trapo, pois há mulheres e crianças nas ruas, crianças diferentes desses larápios de pouca idade.

Olhou para os meninos de rua, que, agora, mantinham-se sérios e dissimulados. Ameaçou-lhes com um movimento de mão.

— Súcia de mandriões!

— O que fizemos para ofender-vos, excelência? — gemeu um deles. — Apenas nos divertíamos com esse gira.

— Não me engana, pilantra de pouca idade. De outra feita, arrebento-lhe as fuças. Agora preciso levar este... este... "gira". Então, quero ver se prestam para algo. Arrumem aí uns panos para cobrir as vergonhas do patife.

Um dos meninos tirou, de um saco que estava jogado ali, um pedaço sujo de lençol.

— Aí está, para não dizer que não cooperamos com as autoridades policiais. Mas peço-vos a gentileza de mo devolver, pois é o que me aquece nas noites frias.

— Quanta lábia! Quem lhe ensinou a falar assim, seu pilantra?

— Nas ruas aprende-se de um tudo — respondeu o garoto, com ares de importância.

— Sei, sei... De um tudo do que não presta. Pois não me engana, seu saci de duas pernas. Não me engana não. Mas dê cá essa porcaria.

Cobriu parte do meu corpo com o pano, e quase desmaiei, pois seu cheiro era um misto de suor, urina e podridão.

A delegacia era ali perto, por isso fomos a pé. Não sem chamar a atenção dos transeuntes, que me olhavam com curiosidade e censura. Tão jovem e já nas mãos da polícia. Deviam tomar-me por vagabundo, apesar de o policial tratar-me com certa deferência, pois acreditava ser eu de uma boa família burguesa.

Dentro da delegacia, jogaram-me numa cela imunda, onde havia um velho bêbado, que recendia a cachaça e dormia a sono solto. E, por algumas horas, todos me ignoraram. Boa enrascada em que o tio Joaquim me metera. Eu viajara tão distante no tempo para passar meus dias preso ou talvez vivendo feito um mendigo. Mas também o que eu esperava? De repente percebi que não tinha combinado nada com o tio Joaquim em caso de querer voltar. Ficáramos tão empolgados com a possibilidade da viagem e preocupados com os possíveis riscos à minha vida, que nos esquecemos dos detalhes. Agora, eu estava numa sinuca de bico.

As horas se passavam, a fome incomodava-me, e o tédio também. O velho acordou e trocou uns dois incompreensíveis resmungos comigo, provavelmente reclamava do fedor de meus trapos. Então, outro policial apareceu e trouxe em suas mãos um terno e um par de sapatos.

— Vista isso aí, mandrião de uma figa. Sua prima é mulher honesta e não pode vê-lo assim feito filho de ninguém. Quanta vergonha deve causar para a sua família! Mas toda família tem sua ovelha negra. Ah, imagino que sua mãe deve estar rolando no túmulo.

Meu primeiro impulso foi dizer: “Que prima? Não tenho nenhuma prima aqui!”. Mas optei por me calar e não abusar da sorte.

CAPÍTULO V
Carolina

Quando entrei no gabinete do delegado, dei de cara com uma mulher sorridente, que se aproximou de mim, deu-me um tapinha no rosto e falou:

— Primo Escobar, o que tua mãe dirá de tudo isto, pá?

O delegado confundiu meu espanto com vergonha.

— Pelo menos ainda não perdeu a vergonha na cara, mandrião de uma figa. — Escarrou na escarradeira ao lado da mesa, coçou o nariz e continuou mascando seu pedaço de fumo de rolo. — Só estou liberando você porque sua prima é senhora valorosa e de muita consideração, esposa daquele mal-humorado do senhor Machado de Assis.

— E por falar no Quincas, ele ficará feliz em te ver, eras assim um pequerrucho do tamanho de um pé de alface quando te viu pela última vez.

O delegado soltou uma gargalhada.

— Dona Carolina, como é graciosa! Sorte tem o senhor Machado de Assis de ter uma esposa assim espirituosa. Não entendo por que é tão mal-humorado.

— Os escritores são assim, meu senhor, vivem de calundu, como dizem os negros.

Nesse momento, o delegado pigarreou, embaraçado, o que só pude entender mais tarde. É que a negritude do senhor Machado de Assis era um tabu para a maioria das pessoas.

— *Au revoir*, meu senhor — disse Carolina. — *Merci*.

— *Enchanté*... sempre — proferiu o delegado, com uma voz melosa, e beijou a mão da mulher, com certa paixão.

Na rua, longe dele, Carolina confessou:

— Esse homem, pá, dá-me engulhos. — Segurou-me o ombro e paramos. Olhou para meu rosto. E algo que eu nunca tinha sentido antes aconteceu, meu coração disparou diante de uma mulher. — Eres então o famoso Escobar.

— Famoso? Eu?

— Então sabes falar! Até agora não havias proferido sequer uma palavra, mancebo.

— Ando meio confuso.

— Está a ver-se.

— Como sabe meu nome?

— Teu tio falou-me.

— Tio Joaquim? — perguntei, com ansiedade. — Onde ele está?

Ao ver-me olhar para todos os lados, ansioso, ela falou:

— Calma! A pergunta certa não é “onde”, mas “quando” ele está.

— Então?

— Teu tio esteve aqui há uns bons dez anos, falou-me de ti, mancebo, que virias, disse-me quando e onde eu poderia encontrar-te.

— Você...

— Como? Não me chames de “você”. No nosso século, pessoas educadas chamam mulheres casadas de “senhôra”. Não consigo acreditar que o futuro será tão... *grotesque*.

— *Okay*, a “senhôra”...

— *Non*, *non*, *non*. Por que usas essa língua de bárbaros? Não podes conversar dessa maneira, as pessoas vão achar que eres... um bárbaro!

Enquanto ela falava, eu admirava seu rosto moreno, um nariz arrebitado, insolente, lábios inquietos, um queixo proeminente, de rainha, com alguns fios brancos nos cabelos escuros, e uma voz doce, porém forte, segura. Apaixonei-me, sim, apaixonei-me por uma cinquentona.

Enquanto caminhávamos, foram muitas as pessoas, homens e mulheres, que a cumprimentaram, parecia conhecida de todos, respeitada menos por seu caráter do que pelo fato de ser esposa de um grande escritor.

— Pensas que sou famosa? — disse-me, com certo rancor na voz. — Sou esposa de um homem

famoso, é o máximo que a maioria das mulheres pode conseguir neste tempo e neste país de ignorantes.

Meu estômago embrulhava, acho que ainda era efeito colateral da viagem.

Carolina usava o leque freneticamente, na tentativa de afastar o calor.

— *Oui*, vamos combinar que falarás pouco e somente o necessário. E muito cuidado com tuas palavras.

Ela estava usando um vestido marrom, de gola apertada, pouco espalhafatoso, discreto mesmo, sem nenhum tipo de frufrus como costumamos ver em filmes de época, porém cobria-lhe todo o corpo, e não se podia ver nem mesmo seus tornozelos, nem quando ela levantava levemente o vestido para que não se manchasse na sujeira das ruas cariocas do século XIX. Aliás, deveria estar morrendo de calor, assim como eu, naquele terno preto.

— Por que estão vestidos assim se não é festa nem nada?

Ela olhou-me, surpresa:

— Assim, como?

— Esses vestidos longos das mulheres, e os homens de terno. Faz muito calor! Como suportam? Eu já não estou aguentando.

Ela soltou uma gargalhada, que chamou a atenção de alguns transeuntes, que a olharam em tom de reprovação.

— Esqueci-me de que no teu tempo as pessoas andam seminuas. Teu tio contou-me.

— Não é assim também!

— Como não! Homens com ceroulas indecentes na praia. Mulheres que mostram muito mais do que os braços...

Eu não entendia bem o que ela estava dizendo, todo choque de cultura nos deixa assim meio tontos.

Ela novamente riu e falou:

— No entanto, há algo de gracioso em tudo isso.

Olhou-me com certa ternura, a ternura que o velho pode sentir diante do novo. E, apesar de sua aparente alegria, percebi que os olhos de Carolina eram tristes, como se tivessem chorado havia pouco.

— Pelo menos usamos chapéus para nos proteger do sol.

— Mas não gosto muito disso não, dona Carolina! — disse-lhe eu, tirando meu chapéu de feltro, com abas duras. — Esquenta minha cabeça.

— Tudo é costume — disse, enquanto segurava o próprio chapéu marrom e um tanto

masculino, que ameaçava voar com um vento quente que provocou um redemoinho de papéis jogados na rua.

— É muito longe, dona Carolina? — perguntei, feito criança impaciente.

— Vamos pegar um carro.

— Carro? Mas não há carros no Rio de Janeiro, há?

Ela me olhou, meio confusa.

— Claro que há carros, ora! Vê lá um!

Apontou para um cabriolé, uma pequena carruagem puxada a cavalo, era isso que ela chamava de “carro”.

— Ah, vamos de carroça.

Ela de novo me olhou, com estranheza, pois percebera certo tom de desprezo em minha voz.

— É que, no meu tempo, carro é outra coisa — tentei explicar; porém, ela interrompeu-me.

— Não, não quero saber! Teu tio Joaquim disse-me que não devo conhecer o que ainda não existe. Achei sábias essas palavras.

— É verdade. Tio Joaquim é um grande sábio. — Sorri, já com saudade. — Mas o carro motorizado já existe na Europa aqui no seu tempo. Li sobre isso.

— Já ouvi algo a respeito, tens razão.

Descemos em frente à casa da rua Cosme Velho, onde moravam Carolina e seu marido, o

senhor Machado de Assis. Tinha dois andares, e sua fachada apresentava sutis adornos. A frente da casa era protegida por um muro baixo, sobre o qual havia grade. Não ostentava luxo; mas tinha algo de sublime. Porém, não era nada alegre. Uma construção melancólica.

Antes de entrarmos, Carolina olhou-me e perguntou:

— Qual o teu primeiro nome, mancebo?

— O quê?

— Escobar é o teu sobrenome. Qual o teu primeiro nome?

— É Escobar mesmo, dona Carolina. Meu primeiro nome é Escobar.

Ela riu um pouco alto.

— Eu poderia dizer que isso é coisa do teu tempo. Mas sei que é, na verdade, algo bem brasileiro. De qualquer forma, se alguém perguntar teu primeiro nome, diz que te chamas...

— Alexandre — sugeri.

— Não, pois tens cara de... Ezequiel. Isso, Ezequiel Escobar de Novais. Mas chamar-te-emos pelo sobrenome: Escobar.

CAPÍTULO VI
Mulher voluntariosa!

Estava evidente o mau humor do senhor Machado de Assis devido à minha presença em sua casa. Isso, aparentemente, porque Carolina me apresentara como sendo filho do "primo Joaquim", ou melhor, Quincas, xará do carrancudo escritor.

O senhor Machado de Assis tinha cabelos levemente encrespados e bem-penteados. Usava pincenê para leitura, que são uns óculos sem hastes. Tinha um grande bigode e uma barba de tamanho médio, ambos bem-aparados. Barba, bigode e cabelos eram grisalhos. Além disso, o senhor Machado de Assis usava um perfume discretamente enjoativo. A verdade é que também não fui muito com a cara dele.

Naquele segundo dia hospedado na casa da família Assis, ao deixar o quarto de banho, vestido em roupas que Carolina me emprestara, doações destinadas a pessoas desfavorecidas, pude ouvir uma discussão calorosa entre o escritor e sua esposa.

— Ca-Carola, aquele outro Quin-Quin-cas já nos fez ter ummma altercada discussão, que-que quase, digo, *quase* abalou nosso ma-ma-trimônio.

— Prefiro chamá-lo de Joaquim, para não o confundir contigo, meu querido Quincas.

— N-não me pro-provoque, Carola, n-não me pro-provoque.

Pude perceber certa tensão na voz do escritor, além, é claro, da acentuação de sua gagueira. Ele conseguia controlá-la muito bem no seu dia a dia; mas, como todos sabemos, o pior inimigo de uma pessoa gaga é a irritação, o nervosismo.

— Não estou a provocar-te, homem. Tu que me irritas com tuas crises de ciúme. Ao contrário das outras mulheres desta sociedade carioca, não aceito ser propriedade de um homem.

Ele fez silêncio, talvez tentasse controlar a ansiedade. E depois, em tom irônico:

— É uma Au-Aurélia Ca-Camargo.

— Mas tu não és o Seixas, pois se o fosses, não terias jamais o meu respeito.

— E o tenho de vo-você?

— Sabes que me uni a ti porque te admirava e respeitava.

— Usa o pa-passado...

— Porque foi no passado que me uni a ti.

Fez-se outro silêncio.

— Escobar não tem ninguém no momento que possa ampará-lo. — Carolina tentou justificar

minha presença ali. — O primo Joaquim está na Europa.

— Então, o *bon vivant* vai flanar pela Eu-Europa, e tenho eu de res-responsabi-bi-lizar-me por seu filho, tão dis-dissimu-mulado quanto o pai.

— Sim, não é de bom tom recusar abrigo aos nossos parentes.

— *Seus* parentes! Aliás, des-desde quando se preocupa com bom-bom tom?

— Estás a irritar-me com esse assunto. Não podes julgar meu jovem primo sem ao menos conhecê-lo.

— Conheci o p-pai, aquele doidivanas, gi-gira de uma fi-figa! O fi-filho de-deve ser feito do mesmo ba-barro.

— Estás sendo intransigente, como sempre.

— E agora cri-cri-tica-me!

— Nada que tu não faças todo o tempo com todos à tua volta.

— O curi-curioso é que nem pai nem fi-filho têm so-sotaque lu-lusitano.

— Já te expliquei que não nasceram em Portugal. Tu que não queres compreender, ó pá!

— Faustino, se-seu irmão, nunca meeencionou essa pa-paren-talha.

— Que tens contra Escobar?

— Não acho re-respeitável uma mulher ca-casada andar por aí na co-companhia de um rapa-pa-zote.

— Não tens mais idade para esses fricotes juvenis, e não tenho paciência para isso, nunca tive.

— Respeite-me, Carola! — gritou o senhor Machado de Assis, o que me fez estremecer.

— Não grites comigo, Joaquim!

Era a primeira vez que eu via Carolina chamar o marido pelo nome e não pelo apelido.

— Mu-mu-lher volun-lun-tariosa!

Segundos depois, ouvi um baque. Carolina chamou por mim aos gritos. Quando entrei na sala, vi o senhor Machado de Assis sobre o chão, vítima de fortes convulsões, enquanto a esposa tentava manter sua cabeça virada para o lado. Assim que as convulsões passaram, ajudei-a a carregar o escritor inconsciente até o canapé da sala, onde repousou durante algumas horas.

CAPÍTULO VII
A bruxa

Já fazia três dias que eu estava hospedado na casa de Carolina e seu marido. O senhor Machado de Assis continuava “com o ovo virado”, como lhe dizia Carolina, mordaz, enquanto o marido mordia os lábios. Porém, ela sempre tinha o cuidado de amansá-lo com algum carinho, de forma a evitar uma crise epilética.

O senhor Machado de Assis não se dirigia a mim para nada, era como se eu fosse invisível, ou pior, era como se eu não existisse. Fiquei imaginando o que fizera tio Joaquim para que aquele homem odiasse tanto o suposto filho do “doidivanas”. Tenho certeza de que o escritor me mataria se pudesse. Acalmei-me quando lembrei que não havia nenhum registro de assassinato cometido por ele. Ó, *mon dieu*, também não havia registro de que um adolescente tivesse viajado no tempo.

Na manhã daquele terceiro dia, após o senhor Machado de Assis sair para o trabalho, encontrei Carolina no gabinete a escrever com uma caneta-tinteiro. Fumava um charuto fedorento, escrevia velozmente, depois parava,

dava uma baforada, punha-se a pensar, e de novo agredia o papel com sua escrita frenética.

— Estás aí a espionar-me por que, mancebo? *Mon dieu*, como os mancebos são curiosos. Depois dizem que as mulheres é que são curiosas, herança de nossa *maman* Eva.

— Eu não queria incomodar — disse-lhe eu, vermelho, ao ser flagrado a espioná-la.

— Queres um charuto? Já tens idade para começar a fumar.

— Isso faz mal, dona Carolina.

— Que tolice! Donde tiraste isso, ó pá?

Expliquei-lhe que, no futuro, as pessoas morreriam de câncer de pulmão provocado pelo fumo e que haveria uma campanha mundial contra o tabagismo. Diante dessas revelações, Carolina balançou a cabeça, em desaprovação, e falou:

— Pois então nasci no tempo certo, pois não suportaria viver em um mundo em que meus charutos seriam condenados.

— Posso perguntar-lhe o que está escrevendo?

— Apenas anotações para um romance que estou pensando em escrever.

— Nunca li um romance seu.

Automaticamente, levei as mãos à boca, pois lembrei que o tio tinha dito para não revelar

particularidades da vida de pessoas conhecidas caso eu esbarrasse com alguma. Além do mais, isso podia magoá-la, ou seja, saber que seus escritos se perderiam no tempo.

— Ó, *ma enfant*, não sabes da missa a metade...

Aquele tom de mistério aguçou minha curiosidade; mas, ao contrário de mim, Carolina sabia quando falar e quando calar.

O senhor Machado de Assis estava na Secretaria da Agricultura, lugar onde trabalhava. Carolina convidou-me a passear pelo Rio de Janeiro, pois de que valia viajar no tempo para ficar trancado dentro daquela casa?

— *Non*, *non*. Aliás, vou presentear-te com uma bengala, um pouco de *élégance* far-te-á muito bem.

Na rua do Ouvidor, ouvimos muitas senhoras e senhores falando francês e rindo com parcimônia. Muitos nos olhavam de esguelha, como a perguntar quem eu era.

— Por que nos olham assim? — perguntei, já incomodado.

— Porque sou a esposa de Machado de Assis e estou em companhia de um jovem que não é meu filho.

— Posso fazer-lhe uma pergunta?

— És mesmo um jovem científico. Como perguntas, mancebo!

— Por que fala tanto francês, se é portuguesa?

Ela colocou o leque sobre os lábios e deu uma risadinha.

— Olha em torno, não vês que os anúncios estão em francês, que *les dames* falam francês? Não vês que estamos todos, a não ser os pobres e os ex-escravos, vestidos como europeus?

— Já tinha visto isso no cinema, nenhuma novidade.

— O que é cinema?

— Nunca ouviu falar dos irmãos Lumière?

— Talvez.

— Criaram um dos maiores inventos da humanidade, apesar de que há suspeitas de que roubaram ideia alheia.

— *Mon dieu!*

— O cinema...

— Não quero saber das modernidades do futuro. Mas tu perguntavas...

— *Oui*! — disse eu, sem querer.

Carolina novamente emitiu uma risadinha discreta e explicou-me:

— O meu francês é, na verdade, uma zombaria a esses brasileiros sem cultura, que vivem a roubar a cultura alheia. Não existe língua

melhor do que a portuguesa; mas eles preferem contaminá-la com a porcaria estrangeira. Quando falo francês, estou rindo desses burgueses ignorantes.

— Mas o português também não é língua brasileira, dona Carolina. Fomos colonizados pelo seu país, e sua língua foi imposta a nós. A verdadeira língua brasileira é o *nhengatu*.

— Temos aqui um rebelde anticolonialista! *Très bien*!

Eu ia fazer outra pergunta; mas Carolina estacou, pálida. Segui a direção do seu olhar e vi uma velha que caminhava, sorridente, em nossa direção. Seu penteado não era nada parecido com o das outras senhoras, era simples, um mero rabo de cavalo, que lhe deixava a testa enrugada à mostra. Tinha um nariz grande e lábios flácidos. Usava um vestido solto, sem espartilho, e colorido. Logo percebi que isso era um escândalo! Todos a olhavam como se ela fosse um ser de outro mundo. Usava óculos redondos e segurava um vaso com uma orquídea branca. Passou por nós sem emitir cumprimento, mas com um sorriso irônico nos lábios, como se soubesse mistérios.

— Bruxa! — disse Carolina, baixinho, entre dentes.

— Quem é ela?

— Uma bruxa.

— A “senhóra”...

— “Senhôra” — corrigiu-me.

— A “senhôra” é mesmo esquisita. Parece ser uma mulher inteligente. Mas acredita em bruxaria?

— Não leves tudo ao pé da letra, *ma enfant*. É só uma forma de falar.

— E por que a odeia tanto?

— Porque essa bruxa quis acabar com o meu casamento.

Uma menina de seus quinze anos passou por nós. Tinha cabelos pretos e cacheados, soltos, enfeitados com uma fita amarela. Era magra, desengonçada e, por algum motivo misterioso, estava sorrindo. Ao seu lado, havia um menino de seus seis anos, com quem ela estava de mãos dadas. Ele tinha uma das mãos curvadas para baixo, andava cambaleando na ponta dos pés, com a boca semiaberta e o olhar perdido, estava usando calça curta, camisa surrada e sapato de couro gasto. A menina, depois de passar por nós, virou o rosto e encontrou meus olhos, que também a desejavam.

— *Mon dieu*! Já estás apaixonado pela neta da bruxa?

Arregalei os olhos.

— Claro que não!

Andamos em silêncio. Até que perguntei:

— Quem é ela?

— Flechado por Cupido, como em histórias românticas de mau gosto.

— Só estou curioso! — protestei.

— Hum-hum.

— E o garoto?

— O menino é retardado. Mas a menina cuida dele, imagino que melhor do que a avó, que só pensa em desfazer casamentos alheios.

— Qual o nome dela?

Ela parou e olhou-me, séria.

— Deixa-a em paz ou terás problemas com a bruxa.

— Qual o nome?

— Anete.

— Anete?

— Bem francês, não achas?

— Não sei, não falo francês.

— Ó, é verdade, falas a língua dos ianques, dos bárbaros.

— Dona Carolina, não é politicamente correto chamar as pessoas de “retardadas”.

— O que disseste? “Politicamente correto”? Que diacho vem a ser isso?

— É que no futuro...

— *C’est assez*! Não quero saber.

No passeio da rua, havia uma mulher velha, negra e banguela, que usava roupas esfarrapadas

e um lenço na cabeça, o qual seria colorido não fosse a sujeira. Ela estava ali a cochilar. Logo um policial apareceu e tirou-a de lá, de frente da confeitaria onde Carolina e eu entramos para saborear guloseimas do século XIX.

— O Brasil acabou com a vergonha da escravidão; mas os pretos ainda são tratados como animais — disse Carolina. — Um país que fala francês e que está distante da civilização.

CAPÍTULO VIII
A revelação

Enquanto o senhor Machado de Assis trabalhava, Carolina ficava no escritório dele por horas. Confesso minha curiosidade (desculpável, já que eu era um adolescente) em relação ao que ela fazia ali. Então, como forma de dissipá-la, bati à porta do escritório. Ela demorou a responder; mas, por fim, disse:

— Um momento, *s'il vous plaît*.

Esse "momento" durou em torno de quinze minutos, os quais passei sentado no chão, ao lado da porta.

— Que fazes aí, como um cão sem dono? — perguntou-me, ao abrir a porta. — Isso não é postura de um mancebo.

Levantei-me.

— É que a senhora demorou muito.

— *Pardon*, estava muito concentrada no trabalho.

— Trabalho?

— A indiscrição não é uma característica apreciada em um homem do século XIX.

— Ainda bem que sou um homem do século XXI — falei.

Rimos, e entrei.

— Queres saber em que trabalho, então.

— Com certeza.

— Por enquanto, são apenas anotações, capítulos isolados.

— Nunca li nenhum romance seu.

— Pois te enganas. Segundo o teu tio, o teu nome, “Escobar”, deve-se a um de meus personagens.

— Não, meu nome é de um dos personagens do senhor Machado de Assis.

Ela ficou em silêncio, enquanto seu olhar contava-me um grande segredo.

— Mas não pode ser! — disse-lhe eu, sem querer acreditar.

— Tudo aconteceu quando Quincas teve uma doença dos olhos e problemas estomacais devido aos remédios contra a epilepsia, e fomos obrigados a passar um tempo em Nova Friburgo, três meses mais ou menos. *Pauvre hombre*, uma imagem triste de se ver. Foi ali que ele desistiu de escrever, percebeu que suas obras não eram satisfatórias. Ao voltarmos, então, apresentei-lhe os primeiros capítulos da obra que eu escrevia em segredo. Ele apreciou sobremaneira. E disse-me que, se pudesse escrever assim, seria de fato um grande escritor. Foi quando lhe ofereci a obra como presente. No início, ele não aceitou, pois considerou isso um ato desonesto. Então, coube a

mim convencê-lo do quão conveniente seria ele assinar a minha obra.

— Mas isso não é certo, dona Carolina.

— Ainda não me arrependi de minha escolha.

— Que obra seria essa que o senhor Machado de Assis assinou mas não escreveu?

— Dei-lhe um título pomposo e irônico: *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

— Segundo meu tio, que é um fã do senhor Machado de Assis, ou melhor, um grande fã da senhora, essa é a obra-prima dele, ou melhor, da senhora.

— Fico feliz em saber que o futuro será generoso para com ela. Pois até o momento, muitos críticos ainda a detestam. Quando a lancei, o Quincas quase contou a verdade, pois não queria manter seu nome vinculado a uma obra vilipendiada pela crítica. Mas convenci-o enfim de que seria um escândalo se o fizéssemos. E, como o Quincas ainda se preocupa muito com as aparências...

— Mas não é justo. Não entendo por que a senhora fez isso. Não se incomoda com o fato de que o mundo jamais saberá o quanto a senhora é genial?

— Não me importo com isso, Escobar. A obra não é minha, é da humanidade. A arte é sempre maior do que seu criador. No mais, é um sacrifício

que faço pela minha obra. Se eu assinasse meus livros, provavelmente eles não sobreviveriam por muito tempo.

— Como assim?

— Vamos nos sentar? Estamos aqui conversando em pé, nada agradável.

Ela sentou-se na cadeira da escrivaninha, enquanto eu me sentei em um canapé ao lado de uma estante de livros.

— Quantas escritoras brasileiras do século XIX conheces, Escobar? — ela perguntou-me.

Fiquei em silêncio, pensativo. Meu tio tinha me falado de algumas escritoras desse século, que eram praticamente desconhecidas e nada valorizadas. Mas não me lembrava de nenhuma.

— Teu silêncio é a resposta.

— Ainda não entendo.

— *Ma enfant*! Este nosso país abomina as mulheres. Somos tratadas como carne de segunda, material de pouca qualidade. Muitos acreditam que somos apenas *bibelots*, rostinhos bonitos e agradáveis, seres descerebrados. Fariam de tudo para desmerecer minha escrita. Já teriam matado o *Memórias póstumas...* no ano do seu lançamento. Mas como a obra é assinada pelo Quincas, um homem e escritor já conhecido e respeitado, ela tem a chance de sobreviver.

— Isso é muito triste, dona Carolina.

— E tu és muito sensível, *mon ami*.

— O que está escrevendo agora? — perguntei.

— *Bien*, estou revisando um romance e também escrevendo alguns contos. E começo a fazer apontamentos para outro romance. Pretendo escrever uma história de amor com final infeliz entre Amália e Bentinho.

— Bentinho?

— Sim, um jovem apaixonado que é forçado pela mãe a tornar-se padre. No entanto, seu amor por Amália é tão intenso, que é capaz de vencer o grande obstáculo. Porém, depois que se casam, a vida não se mostra um mar de rosas. Bentinho começa a duvidar da fidelidade de Amália, que talvez tivesse um caso amoroso com seu melhor amigo. Mas isso é só um esboço da obra, ainda não comecei a escrevê-la de fato. Ou melhor, já escrevi alguns trechos. Sou assim, meio caótica ao escrever. Mas, no final, organizo todo o caos, e a obra torna-se legível.

— Mas, dona Carolina, o nome dela não é Amália, é...

— Cala-te! Não quero saber. Por favor, não me digas. Teu tio também ficou tentado a me contar detalhes do meu romance. Aliás, o título *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi ideia dele. Ou melhor, foi uma revelação que ele me fez. No

início, resisti. O título original era apenas *Brás Cubas*. Mas, depois, acabei aceitando o inevitável. E agora não quero ser influenciada de novo.

— Desculpe.

— Amália é uma mulher sem voz, como tantas somos. O romance deve ser em primeira pessoa. Bentinho contará a história. Pretendo colocar o ponto de vista masculino de forma a simbolizar a falta de voz da mulher em nossa sociedade, pois Amália é uma mulher oprimida que não tem o direito de se defender.

Não resisti e falei:

— Dona Carolina, eu li o romance que está escrevendo. É realmente um bom romance.

— Não me dês detalhes, Escobar.

— Eu estou nele.

— Chega! Sai daqui! Proíbo-te de falar sobre o romance *Bento e Amália*.

— Mas esse não é o título, dona Carolina.

— Cala-te! Sai!

Ao perceber que ela estava de fato ficando irritada e magoada comigo, saí dali, fascinado com a revelação e triste com a realidade dos fatos. No entanto, eu precisava, sem que ela percebesse, sugerir-lhe o título que consagraria o romance, ou seja, *Dom Casmurro*. Eu sentia arrepios só em imaginar que seu livro poderia se chamar *Bento e Amália*. Que diabo de título era

esse? Um título desses podia matar qualquer obra genial.

CAPÍTULO IX
Casmurrices

Viver no século XIX não é um sonho para nenhum adolescente, nem mesmo para mim, que era tão esquisito quanto o tio Joaquim. O que eu mais sentia falta era dos filmes e do mundo virtual. Às vezes, lia alguns livros da biblioteca do senhor Machado de Assis. Mas talvez por não estar no meu tempo, minha mente vivia inquieta, e eu tinha muita dificuldade em me concentrar.

Carolina entrou no escritório para avisar-me de que o senhor Machado de Assis logo chegaria do trabalho.

— O Quincas não gosta que usemos o seu escritório, tu sabes. Mas podes levar o livro para o teu quarto, digo-lhe que fui eu que te emprestei.

— Dona Carolina, é impressão minha ou o senhor Machado de Assis é meio casmurro?

— Ele não é sempre assim, é que ultimamente vem tendo alguns problemas no trabalho e sente falta de escrever; mas ainda não consegue inspiração.

— É mesmo um Dom Casmurro o senhor Machado de Assis.

Carolina riu.

— Dom Casmurro, de onde tiraste essa?

— Um homem cheio de casmurrices, só pode ser um Dom Casmurro.

— Acho que o Quincas não gostaria de um apelido assim deveras carinhoso.

— A senhora é irônica, e o senhor Machado de Assis é um casmurro.

— Então vem, pois Quincas não tarda a chegar.

— O Dom Casmurro não tarda a chegar.

— Para, mancebo.

— Acho que é a velhice que faz as pessoas serem casmurras.

— Quincas não é tão velho assim.

— Mas está virando um casmurro.

— Por que, de repente, começaste a repetir isto de casmurro lá, casmurro acolá?

— Aprendi essa palavra há pouco e estou usando-a.

— Entendo.

— A senhora também vai utilizá-la, vi em um de seus livros...

— Já chega, já te disse que não quero saber.

Resolvi não insistir; mas o leitor já deve ter percebido que eu estava tentando sugerir-lhe o nome de seu livro. Eu não podia permitir que um título tão sem graça, *Bento e Amália*, nomeasse a obra mais famosa do senhor Machado de Assis, ou melhor, de Carolina.

No início da noite, resolvi sair e passear um pouco. Já conhecia bem as redondezas, pois já tinham se passado umas duas semanas desde a minha chegada. Carolina pediu-me que não demorasse muito, o senhor Machado de Assis era pontual no horário de trancar as portas.

Eu caminhava pela rua, despreocupado, a chutar pedrinhas, quando divisei Anete, a neta da "bruxa". Brincava de amarelinha com uma garota e um garoto, ambos deviam ter mais ou menos a minha idade. Aproximei-me e disse um oi. Anete logo se apresentou e aos colegas, quis saber o meu nome e fez um monte de perguntas.

— Você é muito gracioso — disse Anete, — fala de um jeito estranho.

— É que vivi em Portugal — menti.

Ela deu de ombros e pulou as casas da amarelinha.

— Quer brincar? — convidou-me.

— Não sou mais criança — falei, sem pensar.

Os três olharam-me como se eu tivesse dito algo totalmente sem sentido.

Foi quando o garoto disse, com desdém:

— Verdade, não usa mais calças curtas. O que não o faz melhor do que nós.

Desculpei-me.

— Falei sem pensar.

— Europeus! — a outra mocinha exclamou, com desprezo.

— Não sou europeu, sou brasileiro.

— Não parece — disse o rapaz. — Tem cara de português.

— Eu não sou português.

— Na minha casa, não gostamos de portugueses.

Ao dizer isso, pegou a garota pela mão, e foram-se embora. Soube então que eram irmãos. Ficamos sozinhos Anete e eu.

— Só restamos você e eu. Agora terá que brincar comigo.

Sorri, tímido. Ela entregou-me a pedrinha, então a joguei e pulei dentro dos quadros. Mas, depois de certo tempo, Anete cansou-se e sentamo-nos no passeio.

— Você conhece o nome das estrelas? — perguntou-me, olhando para o céu. E antes que eu respondesse: — Um dia quero estudar as estrelas; mas não sei se posso.

— E por que não poderia?

— Mulheres não podem estudar essas coisas.

— E quem disse?

— Sei lá.

Era uma menina sorridente, sonhadora e saltitante. Toda hora, levantava-se, pulava, andava de um lado a outro, depois se sentava de

novo. E eu precisava acompanhá-la. Parecia ser bastante inteligente.

— Eu também quero ser escritora, sabia?

— Já escreveu alguma coisa?

— Alguns rabiscos.

— Depois você me mostra?

— Não, são só rabiscos.

— E sobre o que são esses rabiscos?

— Tenho várias ideias, muita coisa mesmo; mas não consigo desenvolvê-las.

A avó chamou-a, devia entrar. Anete segurou minha mão e puxou-me rumo à sua casa, que era bastante simples. Limpa e organizada, mas simples, pobre mesmo. Em uma pequena sala, parcamente iluminada por uma lamparina, estava o irmão, calado, o olhar perdido, babava. Ao perceber que eu olhava para ele, Anete falou:

— É um enjeitadinho.

— Como assim?

— Ninguém gosta dele, somente eu e minha avó.

— Esse povo é ignorante — disse a avó, — não consegue ver o coração dos outros.

Então a avó disparou a falar, falava de tudo, de todo mundo, de qualquer coisa. Nem respirava. Chegou um momento em que achei que ela fosse perder o ar, morrer sufocada. Fazia-me perguntas

e não me dava tempo de responder. Comecei a ficar tonto, a cabeça ameaçou doer.

Ao me despedir de Anete, beijei-lhe a mão, pois achei que era assim que se comportavam os jovens do século XIX. Parece que não era, pois Anete começou a rir, logo depois de puxar a mão e limpá-la no vestido.

Ao chegar à casa dos Assis, o senhor Machado de Assis estava com cara de poucos amigos. Cumprimentei-o. Ele resmungou um boa-noite e voltou a ler um livro. Definitivamente, ele não gostava de mim, suportava-me.

Comi uns deliciosos biscoitos caseiros, fui para o meu quarto, acendi uma vela e li um pouco. Estava quase adormecendo sobre o livro, quando Carolina bateu à porta e lembrou-me:

— Não vás dormir com a vela acesa, não queremos um incêndio aqui.

Umedeci os dedos com saliva, como tinha visto em um filme, e apertei o pavio. Não funcionou muito, pois queimei o dedo.

E, naquela noite, sonhei com Anete. Ela me beijava na boca e ria ao mesmo tempo.

CAPÍTULO X
O crítico

Em um domingo pela manhã, saímos do Cosme Velho, bairro em que moravam o senhor Machado de Assis e Carolina, e fomos passear pela rua do Ouvidor. Logo entramos na confeitaria Pascoal. O senhor Machado de Assis, para variar, estava com cara de péssimos amigos, definitivamente não gostava da minha presença. Eu parecia lembrar-lhe algo não muito agradável.

Sentamo-nos a uma mesa, e os funcionários da confeitaria faltaram beijar os pés do senhor Machado de Assis, enquanto Carolina mantinha um sorriso educado e recatado, coisa que não era muito de seu feitio; mas parecia não querer irritar o marido, que acordara particularmente mal-humorado naquele domingo.

Enquanto esperávamos chegarem as guloseimas, o senhor Machado de Assis criticava correntes de pensamento que pediam uma modernização urgente dos espaços urbanos. Mas Carolina argumentava que o Rio precisava se modernizar urgentemente.

— A senhora e suas mo-modernices, Carola. Não vejo po-por que mudanças bruscas são ne-nenecessárias. O tempo é lento, e as mudanças

de-devem seguir seu passo. No mais, te-temo que tais ideias vi-virem moda e que, daqui a po-pouco, nossa cidade se-se transforme em um pa-palco de re-reformas ur-ur-banas *ad infinitum*.

— Quincas, andas muito mal-humorado.

— Casmurro! — intrometi-me, na ânsia de fazer Carolina inspirar-se para o título de seu romance.

O senhor Machado de Assis fuzilou-me com os olhos.

As guloseimas chegaram. Então, caí de boca em todo aquele açúcar e gordura, e fechei meus olhos em deleite. Porém, quando os abri, deparei-me com o olhar severo e envergonhado do senhor Machado de Assis, enquanto Carolina escondia o sorriso e tentava mostrar a severidade que não tinha.

— Escobar, não te comportes como uma criança, ó pá.

Deu-me um guardanapo, com o qual limpei a boca.

— Desculpe, acho que a viagem no tem... uhm... a viagem me fez ter carência de açúcar e gordura.

O senhor Machado de Assis balançou a cabeça, em recriminação, e comentou:

— Não sei de onde esse man-mancebo aprendeu esse lin-guajar tão pe-pepeculiar, esse sotaque groooot esco e esses modos ru-rudes.

— Puxou à prima — riu Carolina, enquanto sujava a ponta do dedo de glacê e lambuzava a ponta do próprio nariz.

— Que despro-propósito, Carola! — disse o senhor Machado de Assis, enquanto limpava a ponta do nariz da esposa com um guardanapo.

Ela sorria, divertida. Mas seu sorriso cessou repentinamente, quando ela olhou para a entrada da confeitaria. O senhor Machado de Assis percebeu isso e olhou para aquela direção. A transformação de seu semblante também foi evidente, percebi certo tremor em seus lábios. E quando um homem com impressionantes bigodes a cobrir-lhe a boca, porte altivo e olhar severo aproximou-se da mesa, o senhor Machado de Assis ficou rígido feito uma estátua.

— Como está o senhor Machado de Assis? — cumprimentou o homem.

— Muito bem, o-obrigado — respondeu o senhor Machado de Assis, entre dentes, sem disfarçar a contrariedade.

— E a senhora Carolina de Assis, como se encontra? — disse o homem, dirigindo-se a Carolina.

— Feliz por estar diante do melhor crítico literário do Império — respondeu Carolina.

O senhor Machado de Assis emitiu um sorriso.

O tal Sílvio Romero pigarreou, insatisfeito com a ironia feita por Carolina, já que estávamos na República.

O homem fez menção de afastar-se; mas voltou-se e curvou-se até uma das orelhas do senhor Machado de Assis, a quem disse:

— Alguns anos se passaram desde que publicou a sua bolorenta pamonha literária. Minha opinião sobre aquela coisa ainda continua a mesma. No entanto, começo a suspeitar de que, apesar de ser uma obra insignificante, *Memórias póstumas de Brás Cubas* não poderia haver sido escrita pelo senhor, já que destoa tanto das outras aberrações que veio publicando até o momento. Portanto, creio que apenas assinou uma obra para tentar sair do marasmo em que se encontrava diante de sua incapacidade mestiça e gaga de articular algo realmente coerente e de qualidade, como bem o faria o meu grato escritor Tobias Barreto.

Sílvio Romero afastou-se, deixou a confeitaria e ganhou a rua, enquanto Carolina tentava acalmar o senhor Machado de Assis. Entretanto, ele olhou para ela com certo ódio no olhar e,

vítima de convulsões, caiu no chão. Com a minha ajuda, Carolina virou o marido de lado e segurou sua cabeça para protegê-la. Em torno, as pessoas, com rostos chocados e até mesmo com mostras de forte aversão, assistiam à cena horrorizadas mas também curiosas.

Entre os presentes, a única pessoa que se dispôs a ajudar foi uma senhora de fala firme, decidida, muito diferente das mulheres em torno. Seu nome era Chiquinha Gonzaga, uma compositora que teve que enfrentar toda a sociedade para ser quem era e que também entrou para a história como sendo a primeira maestrina do Brasil.

Ela, atrevidamente, olhou para as pessoas em torno e gritou-lhes:

— O que estão esperando para ajudar?

Dois homens levaram o senhor Machado de Assis para os fundos da confeitaria, onde o dono, em pessoa, indicou um canapé no qual o senhor Machado de Assis poderia ser acomodado.

— Obrigada, dona Chiquinha Gonzaga — agradeceu-lhe Carolina. — Quando o Quincas tem suas crises em público, é sempre constrangedor, e às vezes fico sem ação.

— Entendo muito bem, dona Carolina — disse-lhe Chiquinha Gonzaga, com um sorriso. — Precisa de mais alguma coisa?

— Na verdade, sim, se não for abusar de tua generosidade. Preciso de um carro de aluguel para levar o meu marido até casa. Depois dessas crises, ele fica assim sonolento e dorme por algumas horas. Acho que é uma forma de o corpo restaurar as energias.

Chiquinha Gonzaga foi muito atenciosa, conseguiu o tal carro de aluguel e mais dois "voluntários" para levar o senhor Machado de Assis até o carro. Daí partimos para a casa no Cosme Velho e, com a ajuda do cocheiro, colocamos o senhor Machado de Assis em sua cama, onde dormiu por algumas horas.

— Quem é aquele homem que provocou o ataque no senhor Machado de Assis? — perguntei a Carolina logo que foi possível.

Estávamos sentados em um sofá da sala.

— Digamos que o senhor Sílvio Romero é o arqui-inimigo do Quincas. É um crítico literário que nutre um grande ódio pelo meu marido.

Carolina mostrava-se abatida e preocupada.

— E percebeste o que aconteceu, Escobar? Pela primeira vez, alguém põe em xeque a autoria dos livros do Quincas.

— Ele parecia mesmo desconfiado.

— Espero que esse homem desista dessa ideia, pois senão, pode manchar o nome do meu marido.

— Não entendo, dona Carolina, por que protege o senhor Machado de Assis. É desonesto assinar uma obra que não é sua.

— Já te expliquei, mancebo teimoso. É a única forma de a minha arte sobreviver. O reconhecimento não me importa, a arte é maior do que isso.

— Então tá.

CAPÍTULO XI
Reflexões

Já fazia um mês que eu estava no Rio de Janeiro, no século XIX, e aquela vida já me parecia maçante demais. Deu vontade de voltar ao meu tempo, eu estava com saudade da minha família e dos meus poucos amigos (mas bons). E tive receio de não conseguir mais voltar, pois todo o controle da situação estava nas mãos do tio Joaquim. Afinal, por mais que eu confiasse nele, tinha consciência de que aquela experiência era algo nunca tentado antes, isto é, estava sujeita a muitas falhas.

Como a viagem no tempo, segundo o tio, tinha a ver com uma realidade psíquica, eu poderia viver oitenta anos no século XIX, e, para o tio, no século XXI, terem se passado apenas um minuto de experiência. Esse pensamento me fascinava. Eu poderia envelhecer, ter uma vida completa naquele século e depois voltar aos meus quinze anos, no outro século, e ter a chance de construir a vida de novo; mas, obviamente, com um conhecimento bem maior.

No entanto, e se eu morresse lá, no século XIX, já velho, não morreria também no outro século, aos quinze anos? Se assim fosse, eu

jamais veria minha família e meus amigos de novo, caso algo desse errado. Tudo podia acontecer, eu podia ter uma vida no passado, a qual eu não queria, como também viver duas vidas, em tempos diferentes, com vantagens e desvantagens diferentes.

Eu caminhava sozinho e pensativo pelas ruas do Rio de Janeiro. Então vi Anete, que caminhava em minha direção. Ela era leve, muito leve, sempre com um sorriso nos lábios e o pensamento distante. Parecia louca, mexia os lábios e falava consigo mesma, dava pulinhos infantis.

Passava por mim sem sequer me notar, quando chamei-lhe:

— Anete!

Ela parou, séria, como se tivesse saído de um sonho bom para uma realidade desagradável.

— Não se lembra de mim? — perguntei-lhe.

— É claro que me lembro, por acaso pareço uma velha desmemoriada?

Estava mal-humorada comigo.

— Não é com você — disse, como se lesse minha mente. — Não estou aborrecida com você.

— E por que estaria?

— Porque me tirou de reflexões profundas sobre a existência.

— Desculpe então, não vou mais incomodar você.

E afastei-me, agora bastante chateado.

— Não fique bravo comigo, Escobar — ela disse, enquanto tocava meu ombro.

Lembrava-se do meu nome!

— Claro que me lembro do seu nome!

— Você é uma bruxa, lê pensamentos.

Ela deu uma gargalhada, nada condizente com meninas recatadas da época.

— Já me disseram isso. Confundem razão com misticismo.

— Como assim?

Caminhamos até uma praça próxima e nos sentamos em um banco, debaixo de uma árvore frondosa. Fiquei curioso por saber o nome dela.

— Esta é a *clitoria fairchildiana*, popularmente conhecida como “sombreiro”.

Começava a ficar assustado.

— Está lendo meus pensamentos!

— Não, estou lendo o seu rosto, o seu corpo.

— Explique.

— Sou boa nisso, sabia? Observo a tudo e a todos.

— Mas como...

— Olhou para a árvore com muita atenção, imaginei que queria saber que árvore era.

— E antes?

— A sua decepção quando fui grosseira com você.

— Não foi “grosseira” — tentei amenizar, pois sentia algo especial por Anete.

Ela me ignorou.

— A sua decepção fez-me dizer que não estava aborrecida com você.

— Faz sentido.

— É óbvio que faz sentido.

— Então viu minha surpresa ao falar o meu nome e...

— E-xa-ta-men-te.

— Nada de bruxarias.

— Não mesmo, tenho uma mente muito científica.

— Eu também!

Ela olhou-me, sorriu e baixou os olhos.

— Por favor, não tenha medo de mim. Normalmente, oculto essa minha habilidade, pois as pessoas não gostam de andar com alguém que sabe o que elas pensam e quem elas são.

— Não é muito confortável.

Ela olhou para mim e disse:

— Então precisa confiar em mim, já que acabei deixando-o perceber minha habilidade. Até porque...

— Até porque…

— Existe alguma coisa em você que é diferente das outras pessoas.

— Meu jeito de falar?

— Não é só isso.

Meu coração disparou, ela estava prestes a desvendar meu segredo.

— Guarda um mistério que não consigo desvendar.

— Desculpe! — tentei ser irônico.

Ela afastou os cabelos que caíam sobre minha testa, e, ao sentir o toque de sua mão quente em minha pele, tive vontade de beijar Anete.

— O seu mistério é o que me faz gostar de você, Escobar. É muito raro encontrar alguém misterioso, um enigma para eu decifrar.

— “Decifra-me ou devoro-te” — citei a fala da Esfinge.

— Devo ter medo?

Era a deixa para eu dizer “Talvez!”, aproximar-me de seu rosto, acariciá-lo e beijar sua boca; porém, ela se antecipou:

— Nem pense nisso, sou uma menina do século XIX.

Afastei-me, assustado. Teria ela desvendado o segredo? Minha reação fê-la olhar-me com curiosidade, com olhos de cientista.

— O que foi?

— Leia a minha mente.

— Por que ficou assustado com o que falei?

— Não fiquei assustado.

— Mente muito mal, Escobar.

Baixei os olhos e tentei encontrar uma forma de afastá-la um pouco da minha verdade.

— Está elaborando mentiras para me convencer — ela disse, com um sorriso nos lábios.

— Assim, não vai mesmo ter amigo algum.

Ela baixou os olhos.

— Desculpe, Anete, não quero vê-la triste.

Ela levantou a cabeça e sorriu, sedutora.

— Então, conte-me seu segredo, Escobar.

Mudei os rumos da conversa:

— Creio que você é que esconde um segredo, parece até uma personagem de um livro que li sobre uma bela mulher, que tinha olhos de cigana oblíqua e dissimulada.

— Também gosta de ler?

— Não há coisa melhor!

— Além de pensar.

— É uma pensadora?

Ela afirmou com a cabeça.

Decidi então contar-lhe meia verdade.

— Quando a encontrei há pouco, eu estava imerso em pensamentos bem interessantes. Eu não queria compartilhá-los porque você poderia me achar louco.

Ela deu uma risadinha e comentou:

— Da mesma forma que me acham?

Continuei:

— Eu pensava sobre viagem no tempo.

Seus olhos arregalaram-se.

— Fascinante! Fascinante! Isso me fascina enormemente. Pena que nossos cientistas não levam isso a sério.

— Acha que é possível?

— É claro que é!

Conversamos muito sobre o assunto, até perdemos a noção do tempo. E por volta de meio-dia, nós nos despedimos com um até-logo alegre e sorridente.

CAPÍTULO XII
A feminista

Anete, apesar de seu jeito de criança, falava como gente grande. É que era muito inteligente, uma das pessoas adolescentes mais inteligentes que já conheci. Tinha ideias feministas, acreditava que as mulheres tinham os mesmos direitos que os homens; mas reconhecia que não tinha forças para lutar contra o machismo.

Estávamos de novo sentados sob a *clitoria fairchildiana*.

— E por que não? — indaguei-lhe. — Alguém precisa começar.

— Escobar, é fácil para você falar. É homem, não sabe pelo que passamos.

— Claro que sei, Anete, não sou um alienado. Leio muito, e estou atento ao mundo. Além disso, conheço bem a história da humanidade.

— Você gosta de História?

— Muito. Sou fascinado por ela.

— E qual a importância da História?

— Ela nos mostra os erros que não devemos repetir. Além disso, nos faz refletir sobre o nosso próprio tempo, pois é um contraponto.

— Você fala muito bem, Escobar.

— Obrigado — agradeci, envergonhado.

— Então, você sabe que, historicamente, a mulher foi massacrada pelo homem.

— Sim, vivemos em um mundo sob a dominação masculina.

— E como mudar isso?

— As mulheres precisam lutar para serem livres.

— E como?

— Poxa vida, a feminista aqui é você!

— Feminista?

— As feministas são mulheres que lutam pelos direitos da mulher.

— Então, não sou feminista.

— Pensei que fosse, já que você tem a consciência dessa diferença e não se conforma com isso.

— Isso também é ser feminista?

— Acredito que sim.

— Então sou feminista.

— Acredito que é.

— Será que, algum dia, as mulheres serão livres e tratadas com igualdade em relação aos homens?

— Tenho certeza de que as mulheres, no futuro, poderão votar, trabalhar fora de casa, poderão até ser presidentes.

— Mas existem mulheres que foram rainhas.

— É diferente. A rainha sobe ao poder de acordo com as regras de sucessão. Já a presidente é eleita pelo povo. Imagine, um povo que escolhe uma mulher para governá-lo é porque, de alguma forma, respeita a mulher tanto quanto ao homem.

— É verdade.

Ela riu, divertida.

— Qual a graça?

— Você é um sonhador, Escobar. E um otimista.

— E você não é?

— Não sei não.

Ficamos em silêncio por um tempo.

Anete iniciou outro assunto:

— Você ama o Brasil?

— Claro, sou um nacionalista! — disse-lhe eu, com orgulho exagerado.

— Mesmo com os problemas que ele tem?

— Quando o amor é verdadeiro, não importam os defeitos da coisa amada.

Ela riu alto.

— Você é um romântico!

— E você não?

— Acho que não.

— Mas você é sonhadora.

— Sou?

— Não é?

— Não sei não.

Levantei-me.

— Já é noite, dona Carolina deve estar preocupada.

— *Au revoir*.

— A primeira vez que ouço você usando francesismos.

— É porque também sou nacionalista — ela falou, enquanto ria e piscava um olho.

— Depois brincamos mais de amarelinha.

— Combinado então, menino romântico.

De novo, fiquei envergonhado, e disse adeus.

Ao chegar à casa dos Assis, encontrei Carolina na sala, pensativa, preocupada mesmo.

— O que houve, dona Carolina?

Ela me olhou e disse:

— Estou preocupada, Escobar. Hoje percebi por duas vezes a presença do senhor Sílvio Romero. Ele rondava a casa. Acho que está querendo nos aterrorizar com sua presença e suas desconfianças.

— E onde está o senhor Machado de Assis?

— Ainda não chegou, está em um *moment de détente* com alguns amigos.

Segurei as mãos de Carolina e disse-lhe, muito sério:

— Não se preocupe, vou protegê-la.

Ela sorriu um sorriso triste.

— Estou deveras preocupada.

Uma lágrima escorreu do seu olho direito.

Apertei-lhe as mãos e, num impulso, beijei-lhe os lábios.

Ela afastou-me, surpresa.

— O que fazes, ó pá!

— Desculpe, é que não suporto ver mulher chorar. Achei...

— Pois não aches nada. Sou mais velha do que tu e sou casada.

— Ser mais velha do que eu não é problema.

— Poderia ser tua mãe.

— Mas não é, Carolina.

— Não me chames assim. Trata-me com respeito, chama-me “dona Carolina”. Ora, onde já se viu! Esses mancebos do futuro têm mesmo manias muito peculiares.

— É que você é tão bonita.

— Que despropósito!

Realmente, eu tinha excedido os limites. Mas não sabia por que fizera aquilo. Talvez a viagem no tempo tivesse alterado o funcionamento regular do meu corpo e da minha mente. Eu não tinha certeza se o que eu sentia era amor. E, se fosse, o que então eu sentia por Anete?

— Perdão, Carolina. Mas...

— *Dona* Carolina.

— *Okay*, perdão. Não sei o que me deu, acho que é efeito colateral da viagem.

Ela saiu da sala, muito zangada comigo. Então sorri, pois lembrei-me de um conto atribuído ao senhor Machado de Assis. *Uns braços* é o título do conto em que um jovem de quinze anos se apaixona por uma mulher mais velha. A vida imita a arte? É a única explicação, pois o conto foi publicado em 1885. A não ser que o tempo... Deixa pra lá, é só mais uma teoria.

CAPÍTULO XIII
Paixonites de um mancebo

É possível se apaixonar por duas pessoas ao mesmo tempo? Fato é que eu sentia algo especial tanto por Anete quanto por Carolina. Algo extremamente paradoxal, pois eu amava uma jovem e uma mulher madura. Tio Joaquim diria que isso pode ser explicado pela psicanálise; mas eu só estava preocupado era em como me livrar de toda aquela perturbação.

Carolina, menos zangada comigo, chamou-me para ir com ela buscar doações para famílias pobres. Durante parte do percurso, a pé, ela manteve-se calada, o que me deixou incomodado. Por fim, ela quebrou o silêncio:

— Escobar, é comum mancebos como tu apaixonarem-se por mulheres mais velhas, ou melhor, acharem que estão apaixonados. Mas é tudo ilusão. Precisas buscar uma rapariga de tua idade.

— Já encontrei.

— O quê? — ela parou e olhou-me intrigada. — De quem falas?

— Anete.

— A neta da bruxa!

— Anete é uma ótima pessoa, inteligente e engraçada.

— Não ouses contar-lhe que és do futuro.

— Ainda não contei.

— E nunca contarás!

— Mas se ela aceitar ser minha namorada, então...

Ela retomou a caminhada. Agora os passos e a voz estavam repletos de impaciência:

— Como os jovens são tolos! Apaixonam-se e põem tudo a perder!

— Do que está falando, Carolina?

— Já te disse para chamar-me "dona".

— Mas isso nos afasta, e estou apaixonado por você.

Ela parou outra vez e estreitou os olhos para mim.

— Não sei como é o futuro, mancebo; mas, no presente, não nos apaixonamos por duas pessoas ao mesmo tempo. Além disso, o casamento é para sempre. E sou casada, não te esqueças. Fico deveras envaidecida por despertar o teu suposto amor. No entanto, é algo impossível e um disparate.

— Mas não posso controlar meus sentimentos, posso?

— Que sentimentos? Não há sentimentos, é tudo uma ilusão dessa tua cabeça de criança.

— Carolina, não sou uma criança.

— E eu também não sou uma jovenzinha.

— Pensei que tivesse uma cabeça mais aberta.

— O que queres dizer com “cabeça aberta”?

— Que fosse menos atrasada, que não pensasse pequeno feito os outros.

— Ora...

Ao virar-se, esbarrou com o senhor Sílvio Romero e soltou um pequeno grito de susto.

Ele sorriu, de um jeito meio sádico.

— Desculpe-me se assustei a senhora — disse, misterioso.

— Um pouco.

— Desculpe-me, não foi minha intenção.

Ele continuava com o sorriso no rosto. Seus olhos eram fixos, penetrantes, como se pudessem invadir nossas almas.

— Com licença, preciso ir — disse Carolina. — Vamos, Escobar.

Mas o senhor Sílvio Romero segurou-a pelo braço.

— Como está o seu marido?

— Bem — disse Carolina, desvencilhando-se. — Vem, Escobar.

— A senhora anda escrevendo, dona Carolina? — perguntou o senhor Sílvio Romero.

Carolina ficou lívida; mas logo se recompôs:

— De vez em quando, escrevo algumas cartas.

— Gostaria muito de lê-las, analisar seu estilo.

— Sinto decepcionar-te; mas são de cunho pessoal.

Caminhou a passos firmes, sem se despedir do homem, que me olhava com desconfiança.

— Esse homem vai nos causar problemas — falou Carolina, preocupada. — Anda muito desconfiado.

— Qual o interesse dele em tudo isso?

— Ele odeia o Quincas.

— Inveja talvez.

— Ele apenas odeia tudo que o Quincas escreve.

— O Quincas?

— Já falamos sobre isso.

— Não me conformo, Carolina.

— O ódio do senhor Sílvio Romero pelo Quincas começou quando, acho que em 1879, meu marido publicou um ensaio em que fazia críticas ao tal senhor.

— E o ensaio foi escrito por ele mesmo?

— Com toda certeza. Não tenho tais interesses.

Ficamos em silêncio até chegarmos à casa de Anete.

— Vai pedir doações à “bruxa”? — perguntei, espantado.

— Neste caso, não faço distinções.

Bateu palmas.

Anete apareceu à porta e, quando me viu, veio correndo e abraçou-me:

— Veio me visitar, Escobar?

— Menina, isso é jeito de tratar um mancebo?

— Anete é uma feminista, Carolina.

Carolina fuzilou-me com os olhos, e entendi.

— Desculpe-me — falei. — “Dona Carolina.”

— Já li alguma coisa a respeito.

— E não lhe pareceu interessante? — perguntou-lhe Anete.

— Talvez, ainda não tenho opinião formada.

A “bruxa” apareceu à porta e gritou:

— Quem é, Capitu?

A velha era meio cegueta.

— Capitu? — falei, espantado. — Por que ela a chamou de “Capitu”?

— Meu nome é Anete Capitolina dos Pilares. Minha avó às vezes me chama de Capitu.

— Gosto do nome — falei, — combina com Escobar.

Ela sorriu, enquanto Carolina balançava a cabeça em desaprovação.

— Menina — disse-lhe Carolina, — vê se tua avó tem algo para doar às famílias carecidas de mantimentos ou roupas usadas.

Anete correu até a avó, falou-lhe e depois gritou:

— Não! Estamos sem possibilidades. — Acenou para mim e gritou: — *Au revoir*, Escobar.

Avó e neta entraram na casa e fecharam a porta.

— Essa bruxa é uma sovina.

— Ela é pobre, já estive dentro da casa e vi isso.

— Não devias entrar em casas de desconhecidos. Pois bem, se ela não pode ajudar, não deve ajudar.

Seguimos caminho, paramos aqui e ali para pedir doações, que iam sendo colocadas em um saco, que eu era obrigado a carregar. Então entendi por que Carolina me convidara para acompanhá-la.

— Estava aqui pensando, Carolina. E se o senhor Sílvio Romero também estiver apaixonado por você?

— Aí estou bem arranjada. Incomodada por um mancebo que ainda cheira a cueiros e por um homem ressentido. E ainda tenho de suportar as rabugices do meu marido.

— É o seu Dom Casmurro.

Ela sorriu e disse:
— É meu querido Dom Casmurro.
— Não entendo as mulheres.
— Nem tentes.

CAPÍTULO XIV
Olhos de ressaca

Era o meio da tarde, o calor estava insuportável. Nos fundos da casa, havia um modesto pomar. Carolina estava debaixo de um pé de manga, deitada em uma rede colocada ali. Todas as tardes, ia para lá e dormia em torno de uma hora. Pé ante pé, aproximei-me da rede, sentei-me em um banco de madeira, apodrecido depois de tantas chuvas, tão envelhecido quanto o tempo.

Seus cabelos estavam soltos, e sua respiração tinha tal delicadeza que parecia mesmo não existir. Então comecei a pensar que, no meu tempo, ela já não existiria mais, estaria morta, e ninguém saberia quem era ela de verdade e nem as grandes coisas que fez, já que a história seria benévola com seu marido e deixaria para Carolina apenas o título de esposa, sem importância alguma a não ser pelo fato de ser a primeira leitora crítica das obras de seu marido famoso.

Olhei para seus lábios e desejei beijá-los. Eu nunca tinha me apaixonado antes e, de repente, estava eu ali, apaixonado por duas mulheres tão diferentes. Eram dois amores distintos. Carolina

fascinava-me. Anete divertia-me. Com Carolina, eu me sentia protegido. Já Anete dava-me ânsia de protegê-la. Porém, talvez Carolina fosse bem mais frágil do que Anete. Mas os apaixonados acreditam naquilo que lhes convém.

Enquanto eu admirava o sono de Carolina, tão recatada em seu vestido longo e sem nenhum decote, como uma santa, uma santa pecadora, que fumava charuto e entregava a autoria de suas obras ao marido, com sofrimento, não duvidemos, mas também com a coragem e a crença no poder da arte.

Deitei-me no rústico banco e fiquei a olhar para as folhas que brincavam com a luz do sol. Uma teia de aranha fora construída entre os galhos, em firmeza instável, já que, a qualquer momento, poderia ser vencida pela força do vento. Mas a aranha costureira teceria sua casa outra vez caso necessário. Casa e armadilha. A aranha tinha sua subsistência na ponta das garras.

Ao sentar-me de novo no banco, percebi que Carolina me olhava, e seus olhos, assim como os de sua personagem mais famosa, eram olhos de ressaca, que me atraíam, que poderiam tragar-me para o fundo desse mar escuro, insondável e misterioso.

— Olhos de ressaca.

— O quê?

— Seus olhos, Carolina, são olhos de ressaca.

— Do que falas, mancebo?

— Você sabe melhor do que eu.

— O calor está alterando teu juízo.

— Um dia você entenderá.

— Imagino que sim.

— Você mora aqui desde que se casou com o senhor Machado de Assis?

— Não, já moramos na rua da Lapa, na rua das Laranjeiras e na rua do Catete. Faz uns seis anos que estamos aqui na rua Cosme Velho.

— Rua Cosme Velho, número 18.

— Vou entrar, estou deveras necessitada de um copo de água.

— Eu também.

Caminhamos lado a lado até a cozinha. Bebemos água, em silêncio.

Bateram à porta, e logo Efigênia, uma mocinha que ajudava Carolina com os afazeres domésticos, veio informar que um senhor de fartos bigodes estava ali para falar com ela.

— E qual o nome do homem, Efigênia? — perguntou-lhe Carolina.

— Sei não, sinhora.

Quando chegamos à sala, estava lá o senhor Sílvio Romero, agachado, com um sorriso irônico nos lábios, enquanto fazia carinho em Graziela, a

cadelinha tenerife, xodó do senhor Machado de Assis.

— Dona Carolina Augusta Xavier de Novais Machado de Assis! — disse ele, enquanto levantava-se.

Graziela afastou-se, rumo à cozinha.

— Senhor Sílvio Romero.

— Desculpe-me por vir sem avisar.

— Efigênia, traz uma água para a visita.

— Sim, sinhora.

Ficamos em silêncio.

— Posso sentar-me?

— À vontade — respondeu-lhe Carolina, com cara de poucos amigos.

Ele olhou para mim e disse-lhe:

— Poderia falar-lhe a sós, sim?

— Escobar, por favor, deixa-nos a sós, mancebo.

Enquanto eu subia as escadas, ainda ouvi aquela voz, com sotaque nordestino, dizer:

— Há coisas que não podemos deixar para depois.

A porta do quarto de Carolina estava aberta. Eu era adolescente, curioso portanto. Entrei e senti um perfume de rosas no ar. Ela e o marido dormiam em quartos separados. Havia, sobre uma cômoda, algumas páginas manuscritas, o original do livro *Quincas Borba*. Folheei algumas delas. O

nome do senhor Machado de Assis estava riscado. Acima dele, estava escrito, em letras trêmulas: Carolina de Novais. Portanto, Carolina cogitava em usar, naquele livro, o seu nome. Mas sabemos bem que isso não aconteceria. Afinal, se assinasse aquele livro, haveria um escândalo, pois ele já tinha sido publicado na revista *A Estação*, com a autoria do senhor Machado de Assis.

Ao lado do original, um porta-retratos com uma foto em preto e branco: Carolina, um pouco mais jovem. No retrato, a pele parecia muito branca. Estava séria. Mas eram assim todos os retratos da época. Sobrancelhas grossas, nariz arrebitado, lábios finos. Mas havia certa sutileza naquele retrato, percebia-se um leve sorriso em seus lábios, como se fosse uma Monalisa portuguesa.

Abri suas gavetas e senti vergonha quando descobri algumas roupas íntimas. Se eu estivesse no meu tempo, não teria nenhuma vergonha. Mas eu estava em 1890 e sabia que um homem ver as roupas íntimas de uma mulher casada não era algo muito adequado.

Numa das gavetas, encontrei um rolo de cartas. Eram todas do senhor Machado de Assis para Carolina, algumas datavam de mais ou menos vinte anos, outras sem data. Tive que ler

pelo menos uma delas, que transcrevo a seguir, uma vez que são de domínio público.

CAPÍTULO XV
Cartas de Machadinho

2 de Março.

Minha querida C.

Recebi ontem duas cartas tuas, depois de dois dias de espera. Calcula o prazer que tive, como as li, reli e beijei! A minha tristeza converteu-se em súbita alegria. Eu estava tão aflito por ter notícias tuas que saí do *Diário* há uma hora para ir a casa, e com efeito encontrei as duas cartas, uma das quais devera ter vindo antes, mas que, sem dúvida, por causa do correio foi demorada. Também ontem deves ter recebido duas cartas minhas; uma delas, a que foi escrita no sábado, levei-a no domingo às oito horas ao correio, sem lembrar-me (perdoa-me!) que ao domingo a barca sai às seis horas da manhã. Às quatro horas levei a outra carta e ambas devem ter seguido ontem na barca das duas horas da tarde. Deste modo, não fui eu só quem sofreu com demora de cartas. Calculo a tua aflição pela minha, e estou que será a última.

Eu já tinha ouvido cá que o M. alugara a casa das Laranjeiras, mas o que não sabia era que se projetava essa viagem a Juiz de Fora. Creio, como tu, que os ares não fazem nada bem ao F.; mas compreendo também que não é possível dar simplesmente essa razão. No entanto, lembras perfeitamente que a mudança para outra casa cá no Rio seria excelente para todos nós. O F. falou-me nisso uma vez e é quanto basta para que se trate disto. A casa há de encontrar-se, porque empenha-se nisto o meu coração.

Creio, porém, que é melhor conversar outra vez com o F. no sábado e ser autorizado positivamente por ele.

Ainda assim, temos tempo de sobra; 23 dias; é quanto basta para que o amor faça um milagre, quanto mais isto que não é milagre nenhum.

Vais dizer naturalmente que eu condescendo sempre contigo. Por que não?

Sofreste tanto que até perdeste a consciência do teu império; estás pronta a obedecer; admiras-te de seres obedecida. Não te admires, é coisa muito natural; és tão dócil como eu; a razão fala em nós ambos. Pedes-me coisas tão justas, que eu nem teria pretexto de te recusar se quisesse recusar-te alguma coisa, e não quero.

A mudança de Petrópolis para cá é uma necessidade; os ares não fazem bem ao F., e a casa aí é um verdadeiro perigo para quem lá mora. Se estivesses cá, não terias tanto medo dos trovões, tu que ainda não estás *bem brasileira*, mas que o hás de ser espero em Deus. Acusas-me de pouco confiante em ti? Tens e não tens razão; confiante sou; mas se te não contei nada é porque não valia a pena contar. A minha história passada do coração resume-se em dois capítulos: um amor, não correspondido; outro, correspondido. Do primeiro nada tenho que dizer; do outro não me queixo; fui eu o primeiro a rompê-lo. Não me acuses por isso; há situações que se não prolongam sem sofrimento. Uma senhora de minha amizade obrigou-me, com os seus conselhos, a rasgar a página desse romance sombrio; fi-lo com dor, mas sem remorso. Eis tudo.

A tua pergunta natural é esta: qual destes dois capítulos era o da Corina? Curiosa!

Era o primeiro. O que te afirmo é que dos dois o mais amado foi o segundo. Mas nem o primeiro nem o segundo se parecem nada com o terceiro e último capítulo do meu coração. Diz Stäel que os primeiros amores não são os mais

fortes porque nascem simplesmente da necessidade de amar. Assim é comigo; mas, além dessa, há uma razão capital, e é que tu não te pareces nada com as mulheres vulgares que tenho conhecido. Espírito e coração como os teus são prendas raras; alma tão boa e tão elevada, sensibilidade tão melindrosa, razão tão reta não são bens que a natureza espalhasse às mãos cheias pelo teu sexo.

Tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar. Como te não amaria eu? Além disso tens para mim um dote que realça-os mais: sofreste. É minha ambição dizer à tua grande alma desanimada: “levanta-te, crê e ama; aqui está uma alma que te compreende e te ama também”.

A responsabilidade de fazer-te feliz é decerto melindrosa; mas eu aceito-a com alegria, e estou certo de que saberei desempenhar este agradável encargo.

Olha, querida, também eu tenho pressentimentos acerca da minha felicidade; mas que é isto senão o justo receio de quem não foi ainda completamente feliz?

Obrigado pela flor que me mandaste; dei-lhe dois beijos como se fosse em ti mesma, pois que apesar de seca e sem perfume, trouxe-me ela um pouco de tua alma.

Sábado é o dia de minha ida; faltam poucos dias e está tão longe! Mas que fazer? A resignação é necessária para quem está à porta do paraíso; não afrontemos o destino que é tão bom conosco.

Volto à questão da casa; manda-me dizer se aprovas o que te disse acima, isto é, se achas melhor conversar outra vez com o F. e ficar autorizado por ele, a fim de não parecer ao M. que eu tomo uma intervenção incompetente nos negócios de sua família. Por ora, precisamos de todas estas precauções. Depois... depois, querida, ganharemos o mundo, porque só é verdadeiramente senhor do mundo quem está acima das suas glórias fofas e das suas ambições

estéreis. Estamos ambos neste caso; amamo-nos; e eu vivo e morro por ti.

Escreve-me e crê no coração do teu

Machadinho.

Ciúme foi o que senti ao ler aquelas palavras de amor escritas pelo marido de Carolina. Imaginar que o carrancudo senhor Machado de Assis era capaz de palavras assim tão afetuosas causava-me estranheza. E que ridícula aquela assinatura. “Machadinho.” O amor infantiliza mesmo as pessoas.

Não resisti, comecei a ler outra carta, com mesma data.

2 de Março.

Minha Carola.

Já a esta hora deves ter em mão a carta que te mandei hoje mesmo, em resposta às duas que ontem recebi. Nela foi explicada a razão de não teres carta no domingo; deves ter recebido duas na segunda-feira.

Queres saber o que fiz no domingo? Trabalhei e estive em casa. Saudades de minha C., tive-as como podes imaginar, e mais ainda, estive aflicto, como te contei, por não ter tido cartas tuas durante dois dias. Afirmo-te que foi um dos mais tristes que tenho passado.

Para imaginares a minha aflição, basta ver que cheguei a suspeitar da oposição do F., como te referi numa das minhas últimas cartas. Era mais do que uma injustiça,

era uma tolice. Vê lá justamente quando eu estava a criar estes castelos no ar, o bom F. conversava a meu respeito com a A. e parecia aprovar as minhas intenções (perdão, as nossas intenções!). Não era de esperar outra coisa do F.; foi sempre amigo meu, amigo verdadeiro, dos poucos que, no meu coração, têm sobrevivido às circunstâncias e ao tempo. Deus lhe conserve os dias e lhe restitua a saúde para assistir à minha e à tua felicidade.

Contou-me hoje o Araújo que, encontrando-se num dos carros que fazem viagem para Botafogo e Laranjeiras, com o Miguel, este lhe dissera que andava procurando casa por ter alugado a outra. Não sei se essa casa que ele procura é só para ele ou se para toda a família. Achei conveniente comunicar-te isto; não sei se já sabes alguma coisa a este respeito. No entanto, espero também a tua resposta ao que te mandei dizer na carta de ontem, relativamente à mudança.

Dizes que, quando lês algum livro, ouves unicamente as minhas palavras, e que eu te apareço em tudo e em toda a parte? É então certo que eu ocupo o teu pensamento e a tua vida? Já mo disseste tanta vez, e eu sempre a perguntar-te a mesma coisa, tamanha me parece esta felicidade. Pois, olha; eu queria que lesses um livro que eu acabei de ler há dias; intitula-se *A Família*. Hei de comprar um exemplar para lermos em nossa casa como uma espécie de *Bíblia Sagrada*. É um livro sério, elevado e profundo; a simples leitura dele dá vontade de casar.

Faltam quatro dias; daqui a quatro dias terás lá a melhor carta que eu te poderia mandar, que é a minha própria pessoa, e ao mesmo tempo lerei o melhor...

— Escobar! — interrompeu-me Carolina, enquanto entrava no quarto e tomava de minhas

mãos a carta. — Como te atreves a invadir meu quarto e ler minhas cartas?

— Desculpe. Eu...

— Não confio mais em ti.

— Só estava querendo conhecê-la melhor.

— Sai daqui!

— O que o senhor Sílvio Romero queria?

— Não te interessa. Sai daqui.

Ela estava realmente irritada.

Então, envergonhado, deixei-a e saí, não só do quarto, mas também da casa.

CAPÍTULO XVI
Devoradora de filhotes

Certa noite, quando eu chegava de meus passeios crepusculares com Anete, presenciei mais uma briga entre Carolina e o senhor Machado de Assis. Eu estava oculto nas sombras, ao lado de uma janela entreaberta. Ele tinha uma carta aberta nas mãos, que sacudia nervoso, enquanto gritava:

— Di-diga-me que-que-que isso é uma men... uma men-ti-ra, Carola. Di-diga-me ou co-cometerei uma loucura. Sua... sua devoradora de filhotes!

Carolina tinha a vista erguida, em uma postura altiva. E foi assim, pausadamente, que respondeu ao seu marido:

— Depois de tantos anos de casamento, custa-me a crer que ainda não confias em mim, Quincas. Estás sempre a desconfiar de minha fidelidade. Esqueces os sacrifícios que fiz para casar-me contigo. Contrariei parte de minha família, que não queria que nosso casamento se realizasse. Isso não é prova suficiente para ti? Diz-me o que perdeste com nosso casamento, a quem tiveste de enfrentar para ficar comigo. Eu

arrisquei tudo por ti, Quincas. E és assim que me tratas, como se eu fosse uma qualquer.

— Quer dizer que-que fe-fez um fa-favor em casar-se co-comigo?

— Quero dizer que me apaixonei por ti e te escolhi para ser meu marido, apesar do risco de ser abandonada por minha família. E não reconheceres isso só me mostra o quanto eu estava errada a teu respeito.

Ele caiu sentado em um sofá e ficou em silêncio, o olhar perdido, deixou a carta cair sobre o chão, enquanto a mão ficava jogada sobre o sofá.

— Quando a vi, Carola, pe-pela primeira vez, senti que vi-vivera toda a mi-mi-nha vida para encontrá-la. Eu, que-que nunca fora um homem roooomântico, senti por você, pe-pela primeira vez, arroubos ingê-ingê-ingênuos e apaixonados.

Ela sentou-se ao seu lado no sofá e pousou a mão na perna dele, num gesto de carinho.

— Dizes nunca haver sido romântico. No entanto, escreveste livros românticos.

— Sabe muito bem que nuuuunca me entre-tre-guei a esses livros de fa-fato, foram produtos ra-ra-racionais. Segui uma moooooda apenas, nem acredita-tava nela. Na verdade, não acredita-tava em nada. Então você apareeeceu. Era tão linda! E pe-pensei comigo mesmo. Po-poderá ela pe-

perder o seu tempo com-com alguém co-como eu?

— Alguém como tu?

— Um muuuulato ga-gago, desprezado pooor esta so-sociedade de vi-visão limitada.

— Um mulato gago que mostrou ser tão ou mais capaz do que qualquer branco das elites.

— E isso eles não suportam.

— Não, Quincas, não suportam. E tu sabes que não me aceitam também por eu haver me casado contigo. Então, tentam de todas as formas acabar com a harmonia de nosso lar.

Ele ficou em silêncio. E depois:

— Sabe, Carola, po-por muito tempo ten-tentei fugir da veeeerdade. O ódio do se-senhor Ssssílvio Ro-Ro-Romero por mim sempre pa-passou por revolta de crí-crí-crítico que-que não admite crí-crí-críticas. Mas, no fundo, sei que seu ata-ataque é ao mu-mulato ga-gago que ousou que-querer aaaascender so-socialmente. O senhor Sílvio Ro-Romero é o porta-voz da eli-eli-elite brasileira, que não me-me su-suporta; mas que recorre à hipo-po-crisia enquanto alimenta a fú-fúria de seu maior re-representante.

— Achas que a carta anônima é do senhor Sílvio Romero?

— Não, não co-cogitei isso em ne-nenhum mo-momento. Devemos respeitar noooossos

iiiinimigos. E o senhor Sílvio Romero não rec-recorreria a um artifício de coooomadres assim tão ba-baixo. Suas armas co-contra mim são as le-letras, a pe-pena. É por meio da escrita que ele tenta de-de-destruir-me. E por isso ele tem o meu re-respeito.

Carolina pareceu hesitar antes de dizer:

— Quincas, o senhor Sílvio Romero esteve aqui em nossa casa.

O senhor Machado de Assis aprumou-se no sofá.

— Ele está desconfiado, Quincas, acerca da autoria do *Memórias póstumas...*

Ele cobriu o rosto com as duas mãos, como se quisesse apagar a realidade de sua frente. E quando descobriu-o, este estava transtornado.

— Eu fa-fa-falei que isso não daria ce-certo.

— Não te preocupes, ele nunca saberá.

— E me-me ga-garante isso?

Ela calou-se.

— E o que que-que-queria o homem, afinal?

— Veio se desculpar pelo ocorrido na confeitaria.

Não falaram mais nada. Em silêncio, os dois se separaram, foi cada um para um lado. Então entrei, fui até onde estava caída a carta, peguei-a e li-a. Estava escrita em uma caligrafia bem-trabalhada, possivelmente feminina.

A carta falava que Carolina, uma mulher casada, estava obscenamente envolvida com um fedelho que ela abrigava em sua própria casa, um rapazote cujas origens eram desconhecidas. A carta dizia que o senhor Machado de Assis só podia estar sendo enganado em toda aquela história, pois ele jamais compactuaria com uma situação assim tão imoral quanto aquela, e chamava Carolina de “devoradora de filhotes”. O “filhote”, no caso, era eu.

Obviamente, a minha presença ali estava causando problemas ao casal. Então me pareceu óbvia a melhor solução a tomar: eu devia ir-me embora. Queria mesmo era voltar para casa; mas não sabia como fazê-lo. Então, naquela noite, quando o casal dormia, juntei meus pertences, que se resumiam a algumas roupas usadas que Carolina tinha me dado, um exemplar do *Memórias póstumas...* assinado por ela como “a esposa do respeitável escritor Machado de Assis”, e o produto de um furto: um bolo inteiro que estava no forno.

Deixei um bilhete, que dizia:

O meu amor por você é proibido, Carolina. É uma mulher casada do século XIX. Sou um adolescente apaixonado do século XXI. Meu amor por você não é correspondido, pois é uma mulher honesta, como dizem as pessoas do seu século. Não quero mais ser um transtorno

em sua vida. Portanto, vou-me para nunca mais voltar. Não pergunte para onde. Vou em busca de aventuras, pois essa é a minha sina. Sou um viajante do tempo.

Au revoir, Carolina.

CAPÍTULO XVII
Aventuras de um viajante

Naquela noite, fui até a casa de Anete. Bati à janela do quarto. Mas quem apareceu, toda desgrenhada, foi sua avó, com aspecto real de bruxa, pois, além dos cabelos assanhados, estava também sem a dentadura.

— Quem é você que está batendo a esta hora na minha janela?

— Sou eu, o Escobar, não me reconhece?

— Estou sem óculos e está de noite. Mas isso não são horas de bater na porta dos outros, ou melhor, na janela.

— Quero falar com Anete.

— Ela está dormindo.

— Não estou mais — disse Anete, sonolenta.

— O que pensa que minha neta é, para você bater a esta hora em minha casa?

— Só quero conversar com ela.

— Está muito tarde. Que despautério, mancebo!

Anete surgiu como uma sombra na janela.

— O que foi, Escobar?

— Estou indo embora, queria que viesse comigo.

— Indo embora para onde?

— Não sei, vou sem destino certo. É uma aventura!

— Então boa viagem, Escobar.

Anete fechou a janela na minha cara.

Eu me afastava quando ouvi sua voz às minhas costas:

— Você está falando sério?

Virei-me.

— Sim, estou indo embora de verdade.

— Mas não pode, é perigoso demais.

— Venha comigo, vamos viver uma aventura! Melhor, case comigo, Anete, case comigo!

— Que doidivanas!

— Venha comigo!

— Não posso, tenho que ajudar minha avó a cuidar de meu irmão doentinho. E acho que não quero me casar com ninguém.

Ela beijou meu rosto pela janela e disse adeus.

— *Au revoir*, Escobar.

— *Au revoir*.

Sem destino certo, fui caminhando a esmo pela cidade do Rio de Janeiro. E concluí que a vida era uma monotonia imensa no século XIX, não era impressão das pessoas não, era chata mesmo. Não havia televisão e nem *internet*, ar-condicionado ou ventilador. Ler é muito bom, mas

não ter opções para ocupar o tempo é, como diria o senhor Machado de Assis, uma maçada.

Já estava amanhecendo quando cheguei a uma praia. Vi o nascer do sol, de um vermelho que me fascinava e me deprimia. Então um nadador solitário se aproximou de mim.

— Posso fazer-lhe companhia, mancebo?

— Sim.

Sentou-se ao meu lado na areia.

— Não faça o que está pensando — disse ele.

— Não sei do que está falando.

— Um mancebo, a esta hora, sentado na areia de uma praia, com uma trouxa, só pode querer entrar no mar e desaparecer.

Ele achava que eu era um suicida.

— Oh, não! Está enganado, não quero acabar com minha vida. Só estava olhando o nascer do sol.

— Então é um poeta, o que dá no mesmo.

— Não! Também não. Quer dizer, não sei, nunca escrevi poesia.

— Não entendo bem os poetas. Sou homem de números. Meu nome é Alfredo.

— Sou Escobar.

— Escobar, cheguei de Paris faz um mês. Voltei ao Brasil para tomar posse da herança de meu pai. Sou agora um comerciante, tenho uma loja de tecidos em Recife.

Ficamos em silêncio.

Ele era um homem alto para os padrões do século XIX. Tinha em torno de um metro e oitenta. Magro. Cabelos pretos e lisos, olhos esverdeados e uma pele morena, queimada de sol.

— E para onde vai? — ele me perguntou. — Não tem casa?

— Não, estava na casa de uma prima. Mas o marido dela não gosta de mim, então vou em busca de aventuras.

Ele ficou pensativo.

— Preciso de um ajudante.

Olhei-o assim meio desconfiado.

— Mas nem te conheço.

Ele sorriu e, olhando para o mar, falou:

— Mas eu o conheço, Escobar, muito bem. Seu tio foi um grande amigo meu.

Olhei-o, surpreso.

— Conheceu o tio Joaquim?

— Vivemos grandes aventuras parisienses.

— Aventuras? Tio Joaquim não é dessas coisas.

— Não conhecemos as pessoas completamente, Escobar. Somos humanos, e faz parte da humanidade ser surpreendente.

— Acabo de ter um *déjà-vu*.

— “O *déjà-vu* é um ensaio para o drama humano.”

— Essa é uma das teorias do tio Joaquim!

— Pois não lhe disse que foi meu amigo, seu tio doidivanas?

— O cérebro todas as noites atualiza os acontecimentos e constrói possibilidades futuras. Então, quando essas possibilidades se realizam, temos a sensação de *déjà-vu*. Prever o futuro é uma forma de proteção, podemos nos preparar para enfrentá-lo.

— Shakespeare estava certo: “A vida é um palco, e nós somos meros atores”.

— Gosta de teatro, Alfredo?

— E como não? Principalmente das comédias de Martins Pena. Ri muito com o noviço vestido de mulher.

Se ele era amigo do tio Joaquim, achei que podia então confiar nele.

— Ainda não percebeu, não é mesmo, Escobar? Estou aqui a pedido de seu tio. Ele me disse que hoje você estaria nesta praia. Faz uma semana que não penso em outra coisa. Se não o encontrasse neste lugar, ficaria em dívida com meu grande amigo Joaquim.

O tio, mesmo distante, tomara providências para me ajudar. Primeiro, Carolina. Agora, o Alfredo. Só então comecei a me sentir à vontade no século XIX, pois aquilo indicava que tudo daria certo, que eu voltaria para casa em algum

momento, contaria tudo ao tio Joaquim, que, pelo visto, viajaria no tempo e providenciaria para que eu voltasse em segurança. Eu sempre podia confiar no tio Joaquim.

— Está bem, amigo Alfredo. Serei seu ajudante. Só lhe peço um ou dois dias, para me despedir de duas pessoas que não sei se voltarei a ver.

CAPÍTULO XVIII
Corcovado

Decidi fazer a coisa do jeito certo, despedir-me de Anete de uma forma especial, pois tudo indicava que eu não a veria novamente. Porém, antes, voltei para a casa de Carolina, expliquei-lhe que tio Joaquim tinha outros planos para mim e, meio envergonhado, pedi-lhe que me desse algum dinheiro para ir ao Corcovado. Ela o fez sem contrariedade, estava fria, não queria alimentar meus rompantes apaixonados. Naquele dia, praticamente não nos falamos. Decidi ler um dos livros franceses da estante do senhor Machado de Assis, *Les misérables*, do Victor Hugo. Traduzido, é claro, apesar de o marido de Carolina ter também um exemplar em francês.

No dia seguinte, eu e Anete embarcamos na estação do Cosme Velho. Durante o trajeto de trem, Anete não parava de falar, e confesso que comecei a ficar um pouco irritado. Ali tive a certeza de que o amor era uma grande ilusão. Se ela tivesse aceitado minha proposta de casamento, eu teria que viver a vida toda com ela, minha cabeça doeria muito, eu não suportaria aquilo. Sou por natureza monossilábico, assim como o senhor Machado de Assis. Essa

constatação de semelhança com meu rival não me agradava nem um pouco.

Diante do falatório de Anete, eu fazia movimentos afirmativos e automáticos com a cabeça, enquanto olhava para qualquer lugar e deixava meu pensamento voar.

Aquele encontro com o Alfredo mudava os rumos da minha visita ao século XIX. Eu então percebia que meu envolvimento com Anete e Carolina era apenas uma forma que minha mente encontrara para sair do tédio. Agora que havia a possibilidade de uma aventura, meus sentimentos por essas duas mulheres arrefeciam-se. “Pois então, senhor Machado de Assis”, pensei. “Carolina é toda sua agora e para sempre.” Olhei para Anete, e foi inevitável este pensamento: “Pobre Anete, não sabe que o seu mundo já morreu”.

— ...uma mulher que se preze não pode aceitar o domínio masculino.

Foram as palavras que ouvi quando voltei de meus devaneios.

— Não acha, Escobar, que mulheres devem ter direito ao voto?

Balancei a cabeça, em concordância.

— Fale alguma coisa, mancebo!

— Sim — falei.

— Ah, os homens me irritam com essa mania de ficarem calados. Nunca sabemos o que eles pensam. E isso pode nos fazer muito mal, afinal podem nos surpreender a qualquer momento.

— Não vou surpreender você, fique tranquila.

— E quanto ao voto?

— Acredito que as mulheres devem ter os mesmos direitos legais que os homens.

— É fácil falar.

— O que quer que eu faça?

— Só os homens, Escobar, podem dar direitos às mulheres, já que estão no poder.

— Aí discordo de você. Se as mulheres não se organizarem em protesto, isso nunca vai acontecer.

— Acha que devemos sair às ruas?

— E fazer greve de fome.

— Talvez façamos mesmo.

Chegamos finalmente ao nosso destino. Lá de cima, podíamos ver a modesta cidade do Rio de Janeiro. Nem se comparava ao que eu tinha visto quando eu fora, com meus pais, até o Corcovado, no século XXI.

— Que cidade monumental! — exclamou Anete.

Sorri, irônico.

— Qual o motivo do sorriso?

— Estava pensando que, no futuro, isso aqui parecerá tão banal.

— Não acredito nisso. O futuro, talvez, não seja melhor.

Olhei em torno.

— Fico pensando por que construíram o Cristo aqui.

— Do que está falando?

Tentei consertar:

— Acho que podiam construir uma escultura gigantesca de um Cristo aqui.

— Isso seria uma grande ostentação de fé — disse Anete. — Sabia que nos Estados Unidos há uma estátua da Liberdade?

— E o que tem a ver?

— Ora, Escobar, lá eles homenageiam a liberdade! Aqui você quer que homenageiem a fé?

— Considera a liberdade mais importante do que a fé?

— Sem liberdade, a fé não é possível.

A inteligência de Anete encantava-me. Puxei-a para bem perto de mim e dei-lhe um beijo singelo nos lábios trêmulos. Ela corou, enquanto pessoas em torno nos olhavam com ares de recriminação.

Ela limpou os lábios com as costas da mão; mas isso não me pareceu um gesto de nojo,

apenas uma infantilidade. A timidez de Anete revelou-se, encantadora.

— Não gostou?

— Não é isso, Escobar. É que não me agradam esses rompantes românticos. Não quero ser esse tipo de mulher.

— Que tipo?

— Que vive sonhando com um príncipe encantado e faz do amor a coisa mais importante de sua vida.

— E qual o problema disso?

— O problema é que esse tipo de mulher se torna escrava de um homem, que lhe dará filhos, de quem também será escrava.

— E não quer isso?

— Quero ser cientista, já lhe falei, mancebo.

— E por que não ter tudo?

Ela olhou-me com certo assombro.

— Escobar, às vezes penso que você não é deste século.

De novo, tive a sensação de que ela conhecia o meu segredo.

— Escobar, Escobar, você guarda um grande segredo.

— Agora falou como uma cigana.

— Adivinhação é tolice. Tudo não passa de ciência.

Despedi-me de Anete com um aperto de mão, em frente à sua casa, e segui caminho. Ao olhar para trás, Anete já tinha entrado; mas seu irmão acenava-me, em despedida.

CAPÍTULO XIX
Au revoir, Carolina

Quando cheguei à casa do senhor Machado de Assis, encontrei Carolina a chorar silenciosa, sentada no canapé da sala. Naquele momento, estive tentado a mudar de ideia e ficar, pois pensei que chorava por minha causa. Aproximei-me e disse-lhe:

— Não precisa chorar, Carolina. Se quiser, não vou embora de novo, fico com você. Ou então podemos ir embora juntos.

Ela olhou-me, com incompreensão, e enxugou as lágrimas.

— Do que estás falando? Não sabes o motivo de minha tristeza.

— Pensei que estivesse triste porque vou embora de novo.

Ela parecia surpresa.

— Não leu o bilhete?

— Que bilhete?

— Meu bilhete de despedida.

Ela arregalou os olhos, levantou-se e segurou-me pelos ombros:

— O que dizias nesse bilhete, ó pá?

Antes que eu respondesse, ela me soltou e falou:

— Agora entendo por que o Quincas está de “ovo virado” e por que brigou comigo. Acusou-me novamente de ser uma “devoradora de filhotes”. — Olhou para mim, fortemente contrariada. — Vieste para causar problemas. Não te quero mais em minha casa.

Parece que tio Joaquim sabia de tudo aquilo. A chegada do Alfredo era providencial.

— Não se preocupe, eu só vim me despedir de verdade, como um homem.

Ela fez um gesto de impaciência e subiu para o seu quarto. Segui-a e entrei sem bater.

— Mas que despautério! Um mancebo no quarto de uma mulher casada! Sai já daqui.

— Sou do século XXI, e tudo isso de mancebos não entrarem em quartos de mulheres casadas é uma grande besteira. Vim me despedir, só isso. O tio Joaquim enviou alguém para me acompanhar em viagem pelo país.

Ela ficou ainda mais irritada.

— Teu tio Joaquim! Só me causou problemas desde que apareceu. Quincas até hoje acha que eu o traí com o teu tio. E, como se não bastasse, tu vens perturbar ainda mais o meu sossego conjugal.

— Se eu me apaixonei por você, o tio também pode ter se apaixonado — disse-lhe e concluí, orgulhoso: — Somos muitos parecidos.

— Não sabes o que é paixão, mancebo. Tudo são invencionices de tua cabeça de criançola.

— Não sou criança!

— Mas te comportas como uma, tão irresponsável quanto. Pensas que podes vir lá do futuro para atrapalhar a minha vida aqui? És um convidado de nosso tempo, portanto, comporta-te como tal.

— Está irritada assim não é por causa do tio Joaquim e nem de mim. É porque vive à sombra de um escritor e não pode ser reconhecida pela sua escrita.

— Cala-te.

— Não me calo, você não manda em mim.

— Estás em minha casa, rapazote arrogante!

— Não por muito tempo, vim só para me despedir de você, Carolina.

— Dona Carolina!

— Às favas!

— O quê!?

— O senhor Machado de Assis deveria se envergonhar de receber os créditos por algo que ele não fez. E você, Carolina, devia ter vergonha por ser tão covarde.

Ela deu-me um tapa na cara. Quando eu via isso em filmes e telenovelas, não podia imaginar como era humilhante. A dor queima no rosto, e sentimos vergonha, ao mesmo tempo em que

uma sensação de impotência toma conta da gente.

Com os olhos cheios de lágrimas, olhei para ela, como um menino que apanhou da mãe, e disse-lhe, com voz embargada:

— *Au revoir*, Carolina.

Saí daquela casa com a intenção de nunca mais voltar. E caminhei a esmo pela cidade do Rio de Janeiro, não tinha para onde ir. Não sabia onde morava o Alfredo, tínhamos marcado na praia, mas esse encontro só ocorreria no dia seguinte. Teria que dormir na rua e tomar muito cuidado para não ser roubado por um gatuno do século XIX ou preso por um policial.

Imaginei que o melhor lugar mesmo seria aquela praia, dormiria lá e seria acordado pelo Alfredo. No caminho, porém, sentei-me em um banco de praça. Ali, ao meu lado, havia um jornal abandonado pelo seu último leitor. Sob a derradeira luz do dia, folheei-o. Sem maior destaque, havia um comentário do senhor Sílvio Romero: “Será que essa história é dele?”. O crítico estava referindo-se ao *Quincas Borba*, publicado na revista *A Estação*.

Eu estava com fome. Um adolescente sem comida é como um pássaro sem penas. Eu não tinha ideia de como arrumar alimento. Voltei para a casa do casal Assis e, sem que percebessem,

invadi-lhes a cozinha para roubar outro bolo inteiro, que estava no forno.

Aquele bolo devia bastar para eu passar a noite. Comi-o todinho. Mas quando cheguei à praia, depois de andar muito e pegar uma carona na carroça de um senhor de poucas palavras, já estava com fome novamente. Era tamanha a escuridão ali, que tive a sensação de estar em um túmulo, não fossem as estrelas brilhantes no céu. Qualquer barulho distinto das ondas do mar, fazia-me ficar de sobreaviso. Encolhido e faminto, adormeci e tive muitos pesadelos.

CAPÍTULO XX
O afogado

Acordei com o nascer do sol. Ainda pude ver o fogo róseo da manhã a sangrar o céu azul. Encolhi-me todo, pois senti uma solidão completa, enquanto o dia nascia diante de meus olhos. Então pensei no fato de que eu estava vendo um nascer do sol do século XIX. Que outra pessoa do século XXI, além de mim, tinha esse privilégio? Talvez o tio Joaquim, quando estivera ali naquele tempo a preparar a minha chegada.

Eu esperava viver uma aventura sem igual, como nos mostram os filmes. E encontrei apenas o tédio e o banal cotidiano. Mas a importância da minha viagem não eram as aventuras mirabolantes que eu porventura pudesse viver no passado; mas o fato de eu ser o primeiro viajante do tempo. Algo que só agora eu tinha consciência.

Juntamente com o tio Joaquim, eu era o homem mais importante da história da humanidade, pois, além de nós, ninguém tinha feito descoberta tão grandiosa ou viajado no tempo pela primeira vez. Os primeiros homens que foram à Lua foram tratados como heróis nos Estados Unidos. Mas, diante de mim, eles não eram nada, apenas motoristas de foguete. Eu

tinha atravessado o tempo antes de qualquer outro ser humano. A minha coragem era muito maior.

— Sou um herói! — disse em voz alta.

Fiquei ali por muitos minutos a pensar na importância da minha existência para a humanidade. E antes que eu me sentisse um deus merecedor de todos os sacrifícios, ouvi a voz de Alfredo:

— Chegou cedo, mancebo!

Olhei para ele, que me sorria um sorriso largo, e falei:

— Você também, cara, chegou cedo.

Ele soltou uma gargalhada e comentou:

— Que palavreado engraçado o dos homens do futuro.

Sorri.

— Quantas pessoas do futuro você conhece? — perguntei.

— Você e seu tio, o meu amigo Joaquim.

— Então não tem parâmetros científicos para concluir que as pessoas do futuro têm um “palavreado engraçado”.

Ele riu.

— Você é igual ao seu tio.

— Aliás, tio Joaquim não é do tipo que usa “palavreado engraçado”.

— Deveras. Seu tio é, na maioria das vezes, muito comportado ao falar.

— Na maioria das vezes?

— Seu tio não é um santo, se é o que pensa.

— Santo não é. Mas também não chega a ser um “baladeiro”.

— “Baladeiro”? O que é isso, mancebo? Explique-me, pois não sou versado em “futurismos”.

— Boêmio.

— Ah, isso conheço muito bem. E se quer saber, uma vez seu tio Joaquim e eu...

— Continue.

— Não, estou sendo indiscreto.

Acho que meus olhos mostraram que eu estava faminto.

— Passou a noite aqui, não é mesmo? Por que não me avisou que não tinha onde ficar? Eu lhe arranjava um lugar na pensão.

— É que as coisas não saíram como planejei.

— Disso entendo bem.

— Então, se não for um incômodo, agradeceria que me arrumasse um café com biscoitos.

— Vou entrar no mar e depois tratamos disso. Não quer entrar também? Seu tio e eu fizemos isso juntos algumas vezes.

— Não estou com roupa adequada.

— Entre assim mesmo que depois lhe consigo uma roupa seca. Ou se preferir, pode entrar nu, pois, como vê, a praia está deserta.

Lembrei-me de quando cheguei àquele tempo.

— Melhor não, se algum policial me pega assim de novo...

— De novo!? Realmente é tão doidivanas quanto o Joaquim.

Olhei para todos os lados. A praia estava realmente deserta. E nadar pelado no mar era algo que eu nunca tinha feito até então. Fiquei completamente nu e pulei no mar, em companhia de Alfredo, que estava só de ceroulas. Ele parecia ser um exímio nadador, com braçadas firmes logo se afastou da praia, enquanto eu, medroso, mantinha-me mais próximo dela. No entanto, em meio ao movimento das ondas, percebi que Alfredo me chamava para ir mais longe. Se ele podia, eu também era capaz, pensei. Nu, eu me sentia assim como um peixe, o que me deu segurança para braçadas mais ousadas. Porém, uma onda veio em minha direção, perdi o controle sobre os meus movimentos e senti-me afundar. O desespero impediu-me de voltar à tona, meus braços e pernas pareciam incapazes de fazer os movimentos necessários. E, assim, eu morri, numa manhã carioca do século XIX.

Enquanto morria, minha vida passava diante de meus olhos. Sei que isso é um grande clichê. Mas assim como as lendas, os clichês também têm um fundo de verdade. Porém, a vida que me passou diante dos olhos não foi a minha vida do século XXI, mas a do século XIX. Vi o sorriso de Anete, as rugas na testa de Carolina, o olhar carrancudo do senhor Machado de Assis. Senti o gosto dos doces da confeitaria Pascoal. E vi também coisas que não tinham acontecido ainda, como o choro de Carolina ao ver a notícia no jornal sobre a morte de um mancebo numa praia, cujo corpo não fora encontrado. O depoimento de Alfredo revelaria ao jornal o nome do afogado, Escobar.

Por fim, a leveza tomou conta de mim, o sofrimento e o desespero do afogamento desapareceram, pude sentir a paz e ver a luz.

CAPÍTULO XXI
Cinco minutos

Abri os olhos e vi o tio Joaquim com um semblante preocupado. Abracei-o forte, o que o fez ficar estático, sem mover um músculo. O tio Joaquim tinha problema com abraços, evitava contato físico. Mas eu fiquei assim, abraçado a ele e aliviado de estar ali, em sua presença.

— Que saudade, tio! Em alguns momentos, pensei que não mais voltaria.

Ele me afastou delicadamente e tentou sorrir; mas conseguiu apenas franzir o cenho.

— Quanto tempo ficou lá?

— E não sabe?

— O tempo é relativo, Escobar. Esqueceu?

— É verdade, é que estou um pouco confuso. Acabei de morrer.

— O quê?

— Morri afogado agora há pouco.

— Entendo...

Tio Joaquim pegou uma caderneta e começou a fazer anotações. A frieza dele, pela primeira vez, incomodou-me.

— Não sentiu saudade, tio?

Ele olhou-me sobre os óculos invisíveis.

— Escobar, só se passaram cinco minutos desde que lhe apliquei a fórmula.

— Cinco?

— Não tive tempo de sentir saudade.

Ele me olhou de um jeito que nunca tinha me olhado antes e, num gesto calculado, aproximou-se e me abraçou. Mesmo sabendo que ele fazia aquilo sem espontaneidade, ainda assim apreciei o abraço.

Depois, distanciou-se e perguntou:

— Quando?

Sorri, como uma criança travessa que degusta a surpresa.

— Quando, Escobar? — ele insistiu.

— Adivinhe.

— Sabe que não gosto dessas criancices.

— Está bem. Século XIX. Ano de 1890.

— Preciso que me conte tudo o que aconteceu.

— Não sabe na casa de quem fiquei hospedado durante esse tempo.

Ele, como sempre, não esboçou ansiedade.

— Tio, fiquei na casa de Carolina.

— Carolina?

— Fiquei na casa do senhor Machado de Assis e sua esposa Carolina.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Preciso de detalhes. Comece do início.

Então lhe narrei os acontecimentos, desde o momento que cheguei completamente nu ao século XIX até a minha experiência de morte. É claro que omiti alguns detalhes mais íntimos, como minha paixão por Anete e Carolina. Diante da revelação de que Carolina era a autora de alguns livros do senhor Machado de Assis, o tio novamente levantou as sobrancelhas.

O sol acabava de nascer, quando finalizei o relato. O tio olhou pela janela e ficou pensativo. Eu sabia que, naquele momento, ele me ignorava. Quando entrava nessas reflexões, ficava alheio a tudo e a todos. Deixei-o imerso em seus pensamentos, e só nos falamos outra vez no fim daquele dia.

Ele me disse:

— Desculpe-me, Escobar.

— Pelo que, tio?

— Fiquei tão fascinado com o que me relatou e com o sucesso de nossa experiência, que me esqueci de cuidar de você.

O fato de ele considerar aquela experiência científica como “nossa” e não apenas dele, deixava-me orgulhoso, como se eu fosse tão genial quanto ele.

— Como assim, cuidar de mim?

— Injetei em seu organismo uma substância sintética única. Os efeitos colaterais podiam surgir

nas primeiras horas. Então, você deveria ter ficado em observação. Falhei como tio e como cientista.

— Tudo bem, tio. Não estou sentindo nada.

— Mas devemos ficar atentos. Algo pode acontecer nos próximos dias.

Aquilo me deixou um pouco receoso. O que poderia acontecer? Deformidades no corpo ou na mente?

— Não sei, Escobar, você é o pioneiro, o primeiro viajante do tempo.

Apesar do receio, aquilo soou-me muito bem.

— Pioneiro! — repeti. — Tio, sou mais importante do que os astronautas da Apolo 11?

— De fato.

— Vou ficar famoso?

Ele me olhou, meio constrangido.

— Não pode contar a ninguém.

Percebeu a decepção em meu semblante.

— Sinto muito. Mas não acho que a humanidade está preparada para isso.

— Mas então para que a descoberta se não podemos revelá-la a ninguém?

— Sabe por que a filosofia é tão importante para a ciência? Porque ela é a única que impede que criemos monstros.

— Monstros?

— É uma metáfora, Escobar.

— Entendi.

— A ética nos faz controlar o doutor Frankenstein que existe em nós.

— Mas como vou viver com esse segredo?

— Toda grande descoberta exige grandes sacrifícios.

Eu estava realmente decepcionado.

— Talvez um dia possam saber; mas agora não é o momento. Entenda que o que fazemos em ciência é para o bem da humanidade e não por vaidade pessoal.

Tio Joaquim tinha um sentimento forte de altruísmo e acreditava que a ciência devia ser guiada por tal sentimento, apesar de ter a consciência de que a maioria dos gênios era, acima de tudo, vaidosa.

CAPÍTULO XXII
Efeito colateral

Na minha volta às aulas, coincidentemente, o professor de Literatura falou sobre Machado de Assis.

Levantei a mão.

— Fale, Escobar.

— E se o senhor Machado de Assis não for o verdadeiro autor de algumas das obras atribuídas a ele?

— Do que está falando?

— E se fosse sua mulher, Carolina, a verdadeira autora?

— Não me venha perturbar a aula com tolices.

— E por que isso seria tão impossível?

— Porque sim.

— Mas, professor...

— Escobar, se quer fantasiar, então escreva um livro, rapaz.

Acho muito injusto que Carolina tenha escrito obras que se tornaram clássicos da literatura, não só brasileira mas também mundial, e que ninguém saiba disso. Não é justo o senhor Machado de Assis levar todas as honras enquanto

Carolina é esquecida pelo simples fato de ser uma mulher. O mundo, definitivamente, não é justo.

No dia seguinte, quando me sentei à mesa para tomar o café da manhã, senti uma vertigem e, de repente, eu estava na Roma antiga, em uma espécie de carnaval. Ali havia várias esculturas de pênis. Isso mesmo, os romanos consideravam o pênis algo sagrado, símbolo de fertilidade. Mas voltei logo. Ainda estava sentado à mesa do café.

— O que foi, Escobar? — perguntou minha mãe.

Então, viajei novamente no tempo. Estava agora em uma caverna escura e ouvia respirações perto de mim. Lá fora, um urro de animal. Os seres que estavam ali, perceberam a minha presença devido ao meu cheiro, estranho para eles, e começaram a gritar. Então o animal invadiu a caverna. Não pude ver muito bem o seu aspecto, só um vulto, tudo indicava que era uma espécie de felino, pelo miado assustador que emitiu antes de atacar.

Voltei para o presente, enquanto me debatia e jogava o bule de café no chão.

— Você está louco, Escobar?

Olhei para a minha mãe e, assustado, falei:

— Sim, acho que sim.

Ela viu, pelo meu semblante, que não era uma brincadeira.

O psiquiatra ao qual meu pai me levou disse que podia ser uma espécie de doença do sono. Por algum motivo, eu estava adormecendo de repente, então tinha sonhos confusos, mas logo voltava à realidade.

Tio Joaquim estava muito preocupado, pois tanto ele quanto eu sabíamos que isso não era coisa para a medicina de nosso tempo.

— Pode passar com o tempo, Escobar — disse tio Joaquim. — Mas...

— Mas?

— Pode não passar. Não sabemos. É tudo novidade. Há resquícios da substância no seu cérebro. Tudo indica que não são alucinações, você está fazendo pequenas viagens no tempo.

— Então, quando a substância for completamente eliminada do meu organismo, isso vai passar.

— É o mais provável. Mas não posso afirmar com certeza, Escobar.

— Isso vai me deixar louco, tio. A todo o momento, eu me desloco no tempo.

— O ideal seria você ficar em quarentena. Mas como explicar isso para seus pais? Vão achar que estou louco.

— Quanto a mim, já têm certeza.

Saí do laboratório de tio Joaquim com a sensação de que eu estava perdido e de que

ninguém poderia me ajudar. Mas ainda havia esperança. Logo que a substância fosse eliminada completamente pelo meu organismo, tudo voltaria ao normal. Entretanto, havia a possibilidade de que meu corpo não conseguisse eliminá-la.

Por recomendações médicas, eu ficava a maior parte do tempo no quarto e nunca saía de casa sozinho. Pois, do nada, eu me deslocava no tempo. E pior, aparecia pelado em tudo quanto era lugar e tempo da humanidade. Mas eram viagens tão curtas, que nem valia a pena buscar roupas.

Isso durou uma semana, e tais viagens começaram a ocorrer com menos frequência. Logo já não ocorriam mais. Tio Joaquim e eu respiramos aliviados. Até porque a possibilidade de internação em uma instituição psiquiátrica já estava sendo considerada pelos meus pais por sugestão do psiquiatra.

Confiante de que eu não corria mais perigo, tio Joaquim passou a me evitar. Quando eu ia ao seu laboratório, a porta estava sempre trancada. E se eu batia, ele simplesmente não atendia.

Insisti algumas vezes; mas depois desisti. Acho que ele se sentia culpado e estava com medo de me causar algum outro dano. Fato é que poucos o viam. Quando saía do laboratório, era

durante a noite, para evitar encontrar-se com alguém da família. Que eu saiba, não estava prestando consultorias ou dando palestras, o que indicava que estava gastando suas economias.

Passaram-se meses. Ouvi meu pai dizer à minha mãe que finalmente eu estava me comportando como um indivíduo normal da minha idade. É que passei a ter interesses outros que não apenas os científicos. Entreguei-me à futilidade da vida, à superficialidade da existência. Igualei-me aos outros e, por um tempo, fui feliz assim. Mas um dia senti um profundo tédio e tive muita saudade do tio Joaquim. E quando resolvi procurá-lo de novo e ver se ele estava disposto novamente a compartilhar seu conhecimento comigo, era tarde demais.

CAPÍTULO XXIII
Em algum lugar no tempo

Tio Joaquim era assim um lobo solitário. Todos já estavam acostumados com suas esquisitices e sua antissociabilidade. Mas minha mãe teve uma de suas intuições, lembrou que fazia muito tempo que não falava com seu irmão. Ela estava preocupada. Bateram à porta do laboratório, tentaram ver algo pelo vidro da janela, sem sucesso. Avisaram que iam arrombar, caso o tio estivesse apenas tentando ignorar a todos. Diante do silêncio, meu pai chamou um vizinho e ambos arrombaram a porta. Devido a essa situação extrema, minha mãe já estava chorosa e trêmula, crente de que encontrariam o corpo de seu único irmão.

Ele não estava no laboratório. Porém, havia um cheiro, um leve fedor que ninguém sabia de onde vinha. A polícia foi chamada, e o corpo do tio Joaquim foi encontrado no subsolo.

O piso de madeira, ao lado de um armário, estava com algumas tábuas soltas, e, abaixo delas, havia uma escada que descia para o subsolo. Fora o tio quem comandara a construção do laboratório, e ninguém sabia desse lugar. Era um pequeno quarto, com uma cama e uma

cômoda. Ali estava o corpo do tio Joaquim, em início de decomposição, uma seringa com agulha e uma caderneta. As anotações do tio, em parte, não foram compreendidas; já os trechos que deixavam clara a tentativa de viajar no tempo, foram vistos como resultado da cabeça perturbada de um louco.

Minha mãe ficou muito abalada com o acontecido e se sentia culpada por não conhecer tão bem o irmão a ponto de poder evitar a sua morte. O tio sempre fora solitário; mas possuía uma espécie de onipresença na família, havia constantemente a sensação de que ele estava por perto. Contudo, sua morte deixava um vazio completo, apesar de eu sentir que ele ainda estava vivo.

Também fiquei abalado, tio Joaquim era muito especial para mim. Era pai, irmão mais velho, amigo, tio. E depois de sua morte, minha mãe e meu pai começaram a ficar muito opressores, tinham medo de que eu acabasse como tio Joaquim. Os conflitos com meus pais então passaram a ser frequentes.

Somos seres curiosos. Se o tio não queria que seu segredo caísse em mãos erradas, por que não destruíra suas anotações? É que, por mais perigosas que fossem suas descobertas, eram descobertas, e destruí-las seria tão cruel quanto

tirar uma vida. O tio, obviamente, hesitara no momento final. Tenho para mim que sabia que eu entraria no quarto de meus pais e me apossaria da caderneta. Mas como?

A resposta era óbvia. A viagem no tempo. Tio Joaquim fora ao passado, conhecera Carolina e pedira ao Alfredo que me levasse para a morte. Doloroso afogamento, mas necessário para a minha volta. O que indicava que, antes de morrer, ele tinha conhecido outros tempos, e talvez vivido lá mais tempo do que tinha vivido neste século.

O temor de meus pais de que eu seguisse os passos do tio Joaquim e virasse um “cientista maluco” foi injustificado. Tornei-me historiador e passei a analisar textos e imagens antigos. E essa profissão dava-me a possibilidade de reencontrar o tio Joaquim e ter a certeza de que ele vivia inúmeras vidas.

Fiquei emocionado ao analisar um dos afrescos encontrado em uma ruína de Pompeia, pois ali estava o retrato do tio Joaquim. Em um jornal do século XIX, encontrei um desenho: o tio vestido de caubói no velho oeste. Numa pintura francesa do final do século XVIII, o rosto do tio estava entre aqueles que viam a guilhotina decepar a cabeça de Maria Antonieta. Sua expressão era de nojo diante do fato. Como viajante do tempo, o tio sabia que sua

interferência devia ser mínima, apesar de o equilíbrio ser inevitável. Creio que estava ali como testemunha da história, não como simples curioso sádico, pois o tio não era esse tipo de pessoa. E, por fim, em uma escultura que reproduzia o rosto de Sócrates, o tio se mostrou claro para mim. Então a história da cicuta tinha sido mal contada.

Passei a buscar obsessivamente vestígios do tio na história. Mas esse trabalho não tinha um objetivo prático, já que eu não poderia divulgar a presença de uma mesma pessoa em tempos e lugares diferentes da história sem revelar o segredo do tio Joaquim.

Vinte anos após a morte dele, eu estava sentado em um café, por volta das dezoito horas, perto da torre Eiffel, em Paris. Era o fim de mais um dia em um congresso sobre o reinado de Napoleão Bonaparte, ou Napoleão I, quando um homem puxou uma cadeira e, sem pedir licença, sentou-se à minha mesa. Não tive tempo de protestar, o seu sorriso me silenciou.

Por um momento, não consegui articular palavra. Era ele, o tio Joaquim, com a mesma aparência de vinte anos atrás, mas sorridente, coisa que não era costume seu. Parecia feliz, realizado.

— O gato comeu sua língua? — Era algo que ele dizia quando eu tinha cinco anos e não respondia às suas perguntas.

Confesso que chorei, em silêncio, enquanto olhava seu rosto.

— *Mon cher*! — Ouvi uma voz conhecida, às minhas costas.

Era a voz de Carolina.

CAPÍTULO XXIV
Os viajantes

Tio Joaquim, em seus meses de pesquisa após a minha volta, aprimorou a sua fórmula e encontrou uma maneira de viajar pelo tempo sem precisar voltar ao local de partida. Explico. Cada vez que ele se deslocasse no tempo, uma réplica de si mesmo seria criada e eliminaria a réplica anterior. A nova réplica era uma continuação mnemônica da anterior, mantinha todas as suas lembranças e desejos. Era uma espécie de clone temporal, mas sempre com a idade do indivíduo original, e saudável, o que para tio Joaquim ficara patente quando eu voltara para o século XXI ao me afogar no século XIX.

Imaginemos que, com quinze anos de idade, eu viaje para o século XVII e lá envelheça, chegue aos oitenta anos. Então, decido viajar de novo para outro século. Imaginemos que eu vá para o XI. Se fizer minha primeira viagem com quinze anos, posso até envelhecer, chegar aos oitenta. Porém, esse velho de oitenta anos, ao viajar novamente, chegará ao outro tempo (no caso, século XI), com quinze anos.

O tio descobriu também uma forma de programar o quando e o onde em suas viagens,

através de quantidades específicas dos componentes de sua fórmula. E seguia aprimorando sua grande descoberta. Ele me explicou que, como defendem alguns filósofos e cientistas, nossa realidade é uma simulação de computador. E mais. Existem várias realidades simuladas. Assim, a sua fórmula é, na verdade, uma maneira de expulsar a consciência de um corpo, de transportá-la de uma realidade simulada para outra.

Então, em 1904, quando Carolina estava com um câncer de intestino em estado avançado, o "primo Joaquim" foi visitá-la. Em meio a tristes dores, ela fez-lhe o pedido: viver na França do século XXI. Estava bastante deprimida com a ideia de nunca ser reconhecida como a grande artista que era. Queria uma vida nova, bem longe do Brasil, e não queria voltar a Portugal. Quando tio Joaquim saiu de seu quarto, ela estava morta para o século XX.

Na França, Carolina era uma escritora conhecida na região de Rouen, com um pseudônimo que lhe prometi não revelar. Escrevia, em francês, histórias que se passavam no século XIX. Era uma escritora de romances históricos. Já tinha escrito dois livros, e o segundo deles já recebera a primeira crítica acadêmica. Ela estava feliz, pois não precisava mais se ocultar

como escritora. Os direitos de seu primeiro livro tinham sido comprados por um famoso produtor de cinema. Esse dinheiro dava-lhe a possibilidade de sobreviver. No início, quando chegara ali, dera aulas particulares de português para jovens universitários franceses interessados na cultura de países de língua portuguesa. E também trabalhara com tradução. À noite, no pequeno quarto que alugara, escrevia seu primeiro romance francês.

Estava bem mais velha do que quando a conheci, tinha já oitenta anos de idade, mas continuava com seu jeito atrevido de olhar as pessoas.

Ela disse-me que o tempo me fizera bem, que eu estava bonito, com cara de homem. Mas notara em meu olhar a forte melancolia que tomava conta de mim nos últimos tempos, em que eu rememorava meu passado e sentia um vazio existencial a corroer meu coração.

— Eu sabia que você estava triste, Escobar — disse-me tio Joaquim.

— As viagens no tempo fizeram de você uma espécie de deus onisciente, tio?

— De certa forma, sim, pois tenho um conhecimento prévio sobre vários acontecimentos.

— Um profeta!

— Estás muito amargo, Escobar — intrometeu-se Carolina.

— É a vida, Carolina.

Ela sorriu. Provavelmente por se lembrar de quando exigia que eu a chamasse de “dona Carolina”, coisa que já não tinha nenhuma importância.

— Você tem que voltar, Escobar.

— Do que está falando, tio?

— Vou enviá-lo para o seu passado, para que você escreva um livro que conte sobre a sua viagem no tempo.

— Mas isso não faz sentido.

— Não confia mais em mim?

O meu silêncio provocou-lhe certa mágoa, visível no olhar repentinamente entristecido.

— Você envelheceu, Escobar.

Isso parecia uma crítica.

— Você me deixou para trás, tio.

— Estou aqui, não estou?

— Depois de me deixar sozinho durante todo esse tempo.

— Você precisava crescer.

Ele estava me dando um presente, voltar ao passado e recomeçar uma nova vida.

— Mas o Escobar adolescente está lá no passado, tio. Haverá dois de nós.

— Ele vai ajudá-lo.

— Mas isso seria um desastre.

— Não, você sabe que não. É só lembrar.

— Lembrar o quê?

— Aquele seu professor de História. No seu último ano de ensino médio, ele era para você como uma espécie de pai.

— O professor Joaquim?

— Aquele que lembrava o seu tio, mas que na verdade era...

— Eu — falei, perplexo. E concluí: — Não tenho escolha então.

— Sim, você tem escolha. Lembra? O equilíbrio é inevitável.

Carolina encorajou-me com o olhar.

Fomos para o apartamento dela, pequeno e mobiliado com réplicas de móveis do século XIX que ela encomendara a um talentoso marceneiro português que vivia na França.

Antes de partir, perguntei-lhe sobre Anete, pois nunca tinha encontrado documentação sobre ela. Carolina me olhou com certo pesar e informou-me que ela morrera cinco anos depois de mim, vítima de tuberculose.

Tio Joaquim e eu nos abraçamos. Algo me dizia que nos veríamos de novo. Já Carolina, beijei-lhe delicadamente a mão. E, antes que o tio me aplicasse uma substância de cor azul (não mais de cor roxa), eu disse adeus àquela grande

escritora, e senti que aquela seria a nossa última despedida.

— *Au revoir*, Carolina.